

Concurso

LITERÁRIO



do IFRS

 Conto

 Crônica

 Haikai

 Poema

2ª edição



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Concurso

LITERÁRIO

do IFRS

2ª edição

Expediente

Realização

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS

Organização

Clarissa Deggeroni - Cristina Rorig Goulart - Denise Mallmann Vallerius
Greicimara Vogt Ferrari - Izandra Alves - Marcele Neutzling Rickes
Neudy Alexandro Demichei - Priscila de Lima Verdum - Raquel Selbach Machado Colombo

Edição e Revisão

Editora Duarte

Projeto gráfico e Editoração

Oberti Ruschel

Imagens e Ilustrações

Banco de imagens

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C744

Concurso literário do IFRS [recurso eletrônico]/
organização Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS. – 2ed. – Rio Grande
do Sul: IFRS, 2023.

108 f. ; il. ; PDF
ISBN: 978-65-00-70219-4

1.Literatura brasileira – Rio Grande do Sul. 2
Conto.3 Crônica. 4.Hakai 5.Poema. I. Concurso Literário do
IFRS.

CDD 869
CDU 821.134.3(81)

Elaborador por Diego Guilherme da Silva – CRB7 6521

Apresentação

A arte tem poder transformador, e, com a Literatura, não poderia ser diferente. Pela linguagem, nós nos tornamos o que somos e compartilhamos nossa humanidade. Ao lermos, emoções são provocadas. Um texto pode nos encantar, alegrar, entristecer, o que leva a uma mudança interior e única. Isso é mágico e revolucionário.

Nesse contexto de valorização da cultura, ocorreu o **II Concurso Literário do IFRS**, uma iniciativa da Pró-reitoria de Ensino, entre os meses de outubro e novembro de 2021. O evento teve como objetivos despertar talentos, bem como valorizar e divulgar a produção literária dos estudantes da Instituição.

O II Concurso Literário contemplou quatro categorias de textos: Conto, Crônica, Haikai e Poema. As produções escritas inéditas foram julgadas por uma comissão, formada por servidores/as do IFRS, a qual analisou os textos, selecionando aqueles, com o limite de até dez textos, mais bem avaliados, por categoria, de autoria de nossos estudantes.

Desses textos, os três primeiros colocados de cada categoria receberam certificado e premiação durante o 6º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS, em dezembro de 2021. Além disso, os textos mais bem classificados de cada categoria estão publicados neste livro digital, organizado pelo IFRS.

Na primeira parte deste livro, há dez contos que tratam de temáticas envolvendo as complexas relações humanas entre casais, entre pais e filhos, entre vizinhos, e os dramas existenciais que nos habitam, resultantes de fatos intrigantes narrados nas histórias. Na segunda parte, apresentam-se sete crônicas que têm, em sua maioria, como pano de fundo, o contexto pandêmico, cenário no qual os textos foram criados. Na terceira parte, são apresentados nove haikais, com retratos de experiências em formas sintéticas e bastante originais de assuntos variados. Na quarta e última parte, estão dez poemas, expressando sentimentos e emoções em seus versos, como dor, angústia, amor, perda e solidão.

Este livro digital significa, portanto, uma valorização dos estudantes do IFRS por meio do registro de suas criações literárias, mostrando o quanto a produção escrita pode contribuir para a compreensão e análise social, bem como o crescimento pessoal.

Sumário



Conto

A Portinhola _____ 09
Vitória Allmer Rehbein - Campus Osório

Ave de mau agouro _____ 12
Júlia Marmitt Ermel - Campus Osório

Cartas de culpa _____ 17
Jeferson Martins dos Santos - Campus Porto Alegre

Doce trauma _____ 23
Mirelli Vacarem Francisco - Campus Osório

Mas ele nunca me bateu _____ 27
Eduarda Portella Gallina - Campus Farroupilha

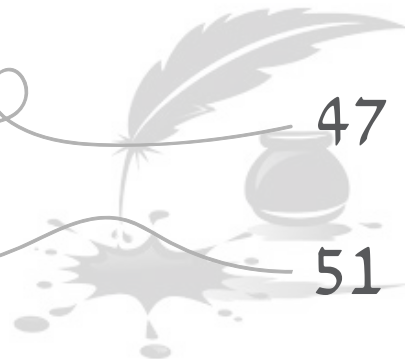
Noite de núpcias _____ 32
Marcius Andrei Ullmann - Campus Feliz

O corpo no céu _____ 38
Rafael Rambo Schardosin - Campus Viamão

O Sol no fundo do oceano _____ 42
Melissa Silveira Paz - Campus Canoas

Tolice, Ofélia _____ 47
Bruno da Silva Santa Catarina - Campus Veranópolis

Um sonho (?) _____ 51
Teófilo Lemos Almeida Filho - Campus Vacaria





Crônica

A volta dos bolachões _____ 58
Eduarda Portella Gallina - Campus Farroupilha

“Buraco de minhoca” _____ 61
Pedro Demarco Gomes - Campus Rio Grande

Explica-se poema _____ 64
Gustavo Daniel Ranft - Campus Rolante

Jardim, querido _____ 68
Ana Lucia Vargas Welter - Campus Alvorada

Lembranças de um Beatle
em Porto Alegre... _____ 70
Carolina Cunha César - Campus Viamão

O fazer científico _____ 75
Marcius Andrei Ullmann - Campus Feliz

Retratos da Quarentena:
O Perdido Eu _____ 79
Kimberlly Isquierdo Bongalhardo - Campus Rio Grande





Haikai

Escape _____ 82

Ana Cláudia Wurch Seibert - Campus Canoas

Apaixonando-se _____ 82

Camila Fratini Barbosa - Campus Canoas

Haikai _____ 83

Amanda Souza dos Santos - Campus Osório

Haikai _____ 83

Laura Rodrigues da Silva Viegas - Campus Canoas

Explosão estelar _____ 84

Melissa Silveira Paz - Campus Canoas

“Terapeuta poesia” _____ 84

Pedro Demarco Gomes - Campus Rio Grande

Haikai _____ 85

Manoela dos Santos Rossi - Campus Canoas

Vidros _____ 85

Sara Marinho da Silva - Campus Feliz

Sons do Mato _____ 86

Marcus Andrei Ullmann - Campus Alvorada





Poemas

A Crina da Palmeira _____ 88

Marcus Andrei Ullmann - Campus Feliz

Descompasso _____ 90

Ítalo Rossi - Campus Vacaria

Desmantelo _____ 91

Jefferson de Oliveira - Campus Sertão

“Não há hoje sem ontem” _____ 93

Pedro Demarco Gomes - Campus Rio Grande

O demônio e a borboleta _____ 96

Nicole Mezadri - Campus Bento Gonçalves

O homem de pernas pequenas _____ 99

Gabriel de Castro Tereza - Campus Osório

Felicidade roubada _____ 101

Cristiana Fernandes Valim - Campus Sertão

Res...pira _____ 103

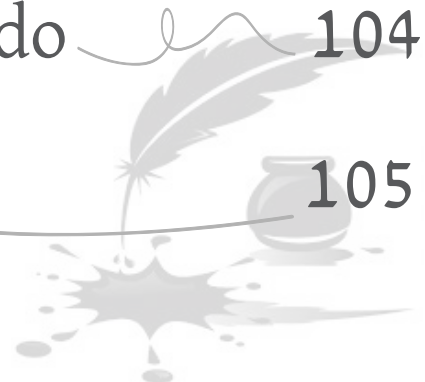
Amanda Coelho Schaider - Campus Alvorada

Síndrome do coração partido _____ 104

Marianna Venturini de Toledo - Campus Osório

Tela _____ 105

Gustavo Daniel Ranft - Campus Rolante



Conto



A Portinhola

Vitória Allmer Rehbein

Já que tanto insistes, compartilharei contigo esta história, a qual jamais contei todos os fatos a alguém, apenas aos fantasmas que me assombram desde aquele verão. Um verão que, a princípio, não teria nada de novo. Pense só: veranear na cidadezinha de Imbé, em uma casa antiga, alugada de última hora, com quero-queros cantando, faltas de água constantes e trânsito – muito trânsito – na ponte de Tramandaí.

Durante o trajeto, tudo ocorreu como esperado. Mamãe dirigiu e papai foi no banco de carona, contando piadas e deixando a viagem mais divertida. Eu fiquei entre meus irmãos, no banco de trás, para evitar possíveis desentendimentos que gêmeos com 9 anos de idade pudessem ter. Meus problemas começaram somente ao chegarmos naquela casa. Me interpretas mal se pensas que a casa era antiquada, suja ou mal-arrumada, pois a questão ia muito além disso. Era uma casa simpática, mas eu não conseguia ficar confortável no ambiente, e também não conseguia identificar uma possível razão para isso, já que sempre me adaptei muito bem aos lugares, como muitos afirmam.

Como a casa tinha três quartos, eu fui a única a ficar com um deles somente para si. Era um quarto simples: uma cama com uma mesinha ao seu lado, uma poltrona que se direcionava à janela, com vista para o Lago do Braço Morto, e uma cômoda. Demorou um pouco até que eu notasse aquele elemento, quase camuflado na parede, acima da cômoda. A Portinhola. Ao contrário do restante da casa, o quarto me deixava relativamente bem. Porém, havia um impulso que levava meu olhar, quase que instantaneamente, para a Portinhola, transmitindo-me um sentimento de curiosidade e, ao mesmo tempo, desconforto.



Confesso que, durante a primeira semana de nossas férias, eu me esforçava ao máximo para esquecer da Portinhola. Quando estávamos na praia ou fazendo passeios, eu até me distraía e esquecia, mas não por muito tempo, pois sempre que voltávamos ela continuava lá. Contudo, em dado momento, eu simplesmente cansei de resistir àquele sentimento. Rendi-me à curiosidade, passava horas e horas analisando a Portinhola, imaginando o que ela escondia. É claro que eu pensava em tentar abri-la, diversas vezes, mas era muito alto, e a minha obsessão não estava tão avançada – ainda.

Eu não falava sobre aquilo com ninguém, e torcia para que, ao entrarem no quarto, eles não a notassem. Aquela se tornou minha Portinhola, e mesmo que eu não soubesse o que havia ali dentro, sentia que ninguém além de mim deveria despertar sua curiosidade sobre ela. Por esse motivo, comecei a conviver com a situação, mesmo com o desconforto que ela me trazia.

Com o passar dos dias, a curiosidade e os impulsos aumentaram. Eu continuava a participar dos passeios e idas à praia somente para não aborrecer meus pais, que estavam fazendo de tudo para me manter longe de meus problemas, ao menos durante essas duas semanas. A poltrona, que inicialmente era voltada para a janela, estava agora virada de frente para a cômoda, dando-me uma melhor visão da Portinhola. Refletindo, depois de tanto tempo, penso no quanto minhas ações foram incoerentes, mas naquele momento o sentimento era real. Eu precisava dar um fim àquilo. Descobri, então, a solução de meus problemas: era necessário abrir a Portinhola e descobrir o que ela escondia em seu interior.

Quando faltava apenas um dia para o fim de nossas férias, eu decidi agir. Não poderia correr o risco de passar uma vida inteira questionando-me sobre o que havia atrás daquela



Portinhola. Esperei que todos saíssem da casa. Agora, éramos apenas eu, a Portinhola e a curiosidade que nos unia. Tirei todos os meus pertences que estavam sob a cômoda e arrastei novamente a poltrona, deixando-a encostada no móvel para facilitar minha subida.

Já em cima da cômoda, utilizei toda a minha força para tentar abrir a Portinhola, mas isso só gerou um grande estrondo. Poderia estar trancada? Não, estava emperrada. Depois de inúmeras tentativas, senti que a Portinhola estava finalmente se abrindo. Serei muito sincera contigo, pois sei que tu me entendes. Nesse momento, eu hesitei e fechei meus olhos, estava desesperada, com medo de me arrepender ou de me decepcionar. Mas o que aconteceu foi imensamente pior.

Seguia com os olhos fechados, tentando entender onde estava minha curiosidade, que por duas semanas me utilizou de escrava, e agora havia simplesmente me libertado. Aos poucos retomei as forças e, lentamente, comecei a abrir meus olhos. Preste muita atenção nessa parte, não pense que estou mentindo. Quando abri os olhos, já não estava mais em cima da cômoda, e sim deitada na cama, com minha família me observando de forma atônita. Mamãe olhava para mim com extrema preocupação e papai parecia ainda tentar entender. Nesse momento eu nem pensava mais na Portinhola, apenas em descobrir o que estava acontecendo.

Depois que o susto passou, mamãe contou-me que, ao chegarem, encontraram-me caída ao lado da cômoda, desacordada. Antes que me pergunte sobre a Portinhola, revelarei-te a verdade. Quando me questionaram a razão pela qual eu subi na cômoda, eu apontei, quase instintivamente, em sua direção. Não estava mais lá.



Ave de mau agouro

Júlia Marmitt Ermel

Noite mórbida e gélida, a rua está vazia, nenhuma alma viva sequer, chega a ser deprimente estar acordado a esse horário e perceber que a rua normalmente cheia de vida agora mais parece um cemitério. Já é tarde, os minutos passam devagar - ou não, talvez o cansaço esteja afetando minha noção de tempo. De qualquer forma já é bem mais tarde do que o saudável para alguém que precisa levantar às seis amanhã, como é o meu caso.

O vizinho dorme, todas as suas luzes estão apagadas, eu o invejo. Encontro-me sozinho, olhando pela janela, pois está congelando lá fora, sentado nessa cadeira de balanço que não para de ranger. Me sinto desajustado, como se eu não devesse estar aqui, não é como se eu quisesse, de qualquer jeito. Não mesmo, eu queria estar deitado em minha cama e dormindo, eu tentei, mas sem sucesso, minha esposa está demorando bem mais do que o normal. O que antes era apenas saudade agora já se transforma em preocupação, ela nunca demora tanto assim, será que eu deveria sair para a procurar? Talvez ela se envolveu em alguma confusão, um acidente talvez? Ó céus, será que eu devo chamar a polícia? Talvez se- Chega! Estou me deixando levar pela inquietação e cansaço, ela certamente chegará logo, eu só preciso ser paciente, calma, ela deve estar a caminho, talvez ocorreu alguma emergência no escritório, algum imprevisto deve a ter pego em cheio, por ora, tudo o que posso fazer é esperar.

Esse papagaio gritando está me deixando louco, ele berra tão alto que eu não ouviria nem mesmo um barulho de tiro. Estou cuidando



dele já faz duas semanas, minha irmã disse que precisava viajar a negócios - já ouvi essa antes- e que precisava de alguém para cuidar do Bartolomeu, eu aceitei, é claro, ainda que contrariado, como disse minha esposa: ela é da minha família. Não gosto de animais, muito menos os barulhentos, ainda que ele normalmente não grite. Isso me lembra que a minha irmã sempre dizia que esse papagaio tem um sexto sentido, ela diz que ele avisa quando algo ruim está próximo - dá pra acreditar? Uma ave vidente! E só de tragédias ainda por cima. Beira o ridículo, mas é a típica teoria da minha irmã, sempre gostou de conspirações e de colocar

a culpa nos outros, desde criança - nessas horas eu percebo que não mudou nada, continua infantil e irresponsável, até mesmo com seu próprio pássaro.

Minha irmã nunca se importou com ninguém além dela mesma, nunca se preocupou com as consequências de suas ações pois sabia que nossos pais acobertariam tudo, sempre a mimaram, a doce filha caçula, incapaz de cometer qualquer tipo de erro

- é o que todos parecem pensar. Ainda que tenha 30 anos, todos a tratam como se fosse uma adolescente confusa passando por uma fase difícil - ainda que nada em sua vida tenha sido difícil. Tudo piorou quando ela decidiu sair do país logo no momento em que nosso pai mais precisava de ajuda - e com o dinheiro de nossos pais, é claro, ela nunca se preocupou em ter uma reserva ou sequer em arranjar um emprego pois sabia que era só pedir com seus olhos de cachorrinho que ganharia tudo o que quisesse, e quando ela se envolveu em-

Meu monólogo foi interrompido ontem à noite pela chegada súbita de minha esposa. Estava coberta de sangue, da cabeça aos pés. Minha primeira reação foi leva-la para o chuveiro, iria prestar os primeiros



socorros, mas ela não estava ferida, perguntei- a de quem era aquele sangue - ela não respondeu, não disse uma palavra sequer, não reagiu de forma alguma a qualquer coisa que eu disse, seus olhos estavam desfocados. Achei que ela precisava descansar, então coloquei -a na cama, de onde ela não saiu o dia todo, nem se mexeu, parece uma morta-viva. Não consegui sair para trabalhar hoje, como poderia? Com a Daniela naquele estado - não fala, não come, nem parece a mesma pessoa. Ainda bem que eu não saí, afinal a polícia esteve aqui, perguntou se vimos algo ontem à noite - aparentemente o vizinho está morto. Olhei para sua casa e vi seu corpo sendo retirado de lá em uma maca puxada por dois homens como se ele não fosse nada. Disseram que fora esfaqueado e estão procurando o assassino. Eu disse que não vi nada (a verdade). Perguntaram pela minha esposa, eu disse que estava no trabalho e eles disseram que voltariam mais tarde - eu menti para a polícia. O que mais eu poderia ter feito? Se eu contasse a que horas e em que estado ela chegou em casa os oficiais a levariam naquele mesmo momento, eles nem procurariam entender antes. Eu sei que há uma explicação, assim que a Daniela se sentir melhor ela certamente me contará o que aconteceu e tudo fará sentido.

A explicação dela, porém, não muda o fato de que nosso vizinho está morto. Como eu não ouvi nada? Quando eu falei do Bartolomeu eu disse que “não ouviria nem mesmo um barulho de tiro”. Irônica minha escolha de palavras, não? Seria quase cômico se não fosse trágico. Pobre senhor Agenor, homem solitário, abandonado por sua filha há muitos anos, passava seus dias sozinho naquela casa, parecia se ocupar olhando ao seu redor, estava sempre sentado em sua varanda, vendo a vida de todos os vizinhos. De alguma forma, eu sinto que ele sabia tudo sobre nós, prestava tanta atenção, parecia saber de cada



detalhe da minha rotina e minha vida. Ainda não posso acreditar que era realmente ele dentro daquele saco preto - ou pelo menos sua carcaça. O que nós somos quando nossa vida acaba, de qualquer jeito? Quando nosso coração para de bater e tudo o que sobra são só veias e artérias, por onde o sangue costumava fluir. Sangue - de quem era todo aquele sangue na roupa de minha esposa? Por que ela está nesse estado? O que de tão ruim pode ter acontecido para a deixar tão afetada? Logo ela, tão forte, sempre. As perguntas são tantas, já respostas: não tenho nenhuma.

Já se passaram três dias do ocorrido. Não fui trabalhar, não consigo. A Daniela nem se mexe, não come direito, só quando eu coloco comida em sua boca, ela está em estado quase catatônico. A polícia esteve aqui de novo, dessa vez eu não pude esconder a Daniela, eles tentaram a interrogar, mas ela não reagiu e eu simplesmente não tinha explicação para os oferecer - nunca fui bom em mentir, eles sabem que ela não é assim normalmente, os vizinhos nos conhecem, seus colegas de trabalho a conhecem. Não havia nada que eu pudesse dizer para amenizar a situação, então eu só permaneci em silêncio. Não tenho certeza de quanto tempo os policiais passaram em minha sala de estar, fazendo perguntas à minha esposa, que por sua vez não respondia nada. Me perguntaram onde ela estava durante o ocorrido - respondi a verdade, disse que não sabia. Eu já não sabia mais em que acreditar. Seria possível que Daniela tivesse matado uma pessoa? O nosso vizinho, ainda por cima, que não fazia mal a uma mosca. Eu já não sei mais. Os policiais parecem ter convicção de que ela cometera o crime. Esse papagaio desgraçado já grita novamente. Sinto como se ele estivesse tirando sarro de mim e da situação miserável na qual me encontro. Eu conheço minha esposa, ela jamais cometeria tal



atrocidade. Minha esposa - será que ainda é ela que está deitada em nossa cama, sem mover um músculo? Eu não a reconheço mais. Eu não me reconheço mais...

Daniela foi presa hoje pela manhã. Parece que para esses investigadores meia palavra basta - ou no caso: nenhuma palavra. A polícia veio buscá-la em nossa casa com um mandado de prisão. Estou incrédulo até agora. Ela não pode nem resistir, acho que ela não entende o que aconteceu. Seus olhos, quando os policiais a levaram, voltaram-se a mim, a confusão e medo em seu olhar eram tão óbvios para mim, essa lembrança me tortura, porém, nem em um momento tão urgente ela conseguiu falar. Se ela só pudesse se explicar, pudesse dizer o que realmente aconteceu naquela noite, me pergunto o que ela diria.

Duas semanas passaram-se desde a prisão de Daniela. Eles não me deixam vê-la. Estou tentando continuar, mas não consigo assimilar que a minha amada e doce esposa está em prisão preventiva e aguardando o julgamento, no qual ela nem poderá se defender. Talvez se eu tivesse dito algo aos policiais, ao menos tentado explicar... - dizer o que, afinal? Nem eu sei o que aconteceu naquela noite. A dúvida está me corroendo. O não saber já me matou há muito tempo. Não posso continuar nessa casa, vivendo como se nada tivesse acontecido. Não aguento. Minha irmã não veio buscar o seu pássaro, não acho que virá. Não importa mais. O Bartolomeu está gritando agora. Acho que finalmente sei o que ele quer dizer, finalmente, eu o entendo.



Cartas de culpa

Jeferson Martins dos Santos

O inferno me assola de uma maneira na qual não tenho forças para enfrentá-lo. Estou preso em carne e osso, alma e espírito, mas não em uma prisão tradicional de grades e paredes, mas uma prisão invisível, intrínseco ao desconhecido da minha essência. Fizera uma semana e meia na qual uma mulher fora morta no meu quintal. Vivo sozinho e, desde então, comecei a ter pesadelos constantes àquela brutalidade. Aqueles olhos mortos, profundos daquela vítima me despertaram algo assustador dentro de mim. Raiva, cólera, angústia e desgosto. Depois de algum tempo fingindo comigo mesmo que não havia nada de errado, corri para um especialista, desses de cabeça, para loucos. Talvez estivesse à beira da loucura. Para a minha surpresa, era uma mulher. Alta, bonita e de pele escura. Muito simpática. Mas confesso que não me sentia disposto a falar tudo. Talvez pela vergonha e ressentimento. Ela, pacientemente, pediu-me que escrevesse cartas, para que o diálogo fosse com a minha própria consciência. Achei fascinante a ideia, pois isso me remetia à infância, escrevendo cartas e contos ao lado da maior leitora que conheci na vida, a minha própria mãe. Só espero e rezo a Deus que isso me ajude, pois já não sei mais o que fazer. Por ora, irei dormir, com a esperança de escrever coisas boas amanhã.

22 de Março.

Volto a escrever para relatar um estranho fato ocorrido nessa madrugada. Acordei com barulhos estranhos na sala. Geralmente deixo a porta do meu quarto aberta, mas não escancarada, apenas com uma fresta que permitia observar a sala de estar. Perto das duas horas e



meia fui beber água, e realizo essa prática diariamente nesse horário. Deixo a jarra e um copo de vidro sobre o meu bidê e me sirvo. Porém, fora esse momento que senti uma presença estranha correndo pela sala, um vulto, eu diria. Fiquei com medo e corri para o meu armário pegar meu revólver .38. Havia ainda resquício de coragem no meu peito que me fizera averiguar, mas por sorte não encontrei nada. A sala estava escura, mas era iluminada pela luz do luar na qual entrava pela janela. Tive a infelicidade de ir fechar as cortinas quando de repente vislumbrei uma mulher com roupas rasgadas me encarando no outro lado da rua. Fiquei paralisado, não conseguia mover as mãos e muito menos as pernas para fugir. Por um curto período comecei a me tranquilizar com pensamentos “realistas e céticos” que estavam me moldando. Imaginando que fosse alguma louca desvairada, retornei a puxar as cortinas para fechá-las, mas foi nesse momento que aquela mulher medonha de vestes esfarrapadas, pele pálida e morta, com olhos acinzentados e sem expressão, disparou correndo na direção da janela. Corri desesperado para o meu quarto e tranquei a porta. Pulei debaixo dos cobertores completamente em pânico. Naquele desespero todo deixei a arma cair. Além de desprotegido estava com medo e exausto. Fiquei acordado até o alvorecer, sinto que cheguei a fechar meus olhos em um breve momento de sono, mas acordei após sentir um bafo ao meu lado que me fez sentir medo só de lembrar.

25 de Março.

Fui pedir licença hoje no trabalho e aquele maldito chefe foi grosso comigo, irá descontar da minha folha. Maldito seja esse sujeito desamaldo, faço tudo para aquela empresa. Não consigo dormir desde aquele dia infernal e minhas noites têm sido verdadeiros pesadelos, por esse motivo fui logo depois do trabalho na farmácia comprar



remédios para insônia. Irei experimentar hoje a noite. Ontem liguei para o meu pai e me arrependo amargamente. Continua o mesmo sujeito apático da qual sempre foi. Perguntei sobre Anna, minha irmã, e o velho respondera grosseiramente como se ela fosse um animal. Pensei entrar no assunto dos turbulentos dias que eu estava passando, mas permaneci em silêncio, escutando aquela voz rouca, cansada e destruída pelos anos de cigarros e bebidas. Eram sempre os mesmos assuntos, futebol, política e família tradicional. Sempre com discursos cheio de ódios e teorias conspiratórias sobre o fim da família brasileira e a vinda da era do comunismo. Aqueles assuntos estavam me cansando, pois de família aquele sujeito, cuja infelicidade era meu progenitor, não entendia nada. O que ele fez... bom, não irei escrever e nem relatar sobre esse assunto. Mas conversei com Anna e aquilo me tranquilizou. Ansiosa como ela é, perguntou-me quando iria visitá-la ou comprar as passagens para ela me visitar. Como um reformado mentiroso, respondi-a "logo logo".

26 de Março.

Os remédios não fizeram muito efeito, durmo no máximo duas ou três horas por noite. Já não tenho mais tanta energia. Respiro de forma pesada, não estou conseguindo comer e a luz irrita meus olhos. Estou recebendo diversas ligações da empresa e do banco, o que me fez desligar o maldito telefone, não aguento mais essas burocracias, não aguento mais ninguém. Também fui à delegacia, cinicamente pedir informações sobre a investigação do caso. Mesmo sabendo tudo o que havia acontecido. Senti um peso nas costas e facadas na barriga ao ficar perto dos policiais e não ter coragem de encará-los. Estava me reprimindo pela covardia da omissão. Fingindo saber absolutamente nada. Saí da porta da delegacia mais amargo do que quando entrei.



Atravessei aquela porta com o nome daquela garota: seu nome era Clarice, e estava grávida de três meses.

Estou sentindo pena? Culpa? Seria menos doloroso se eu não soubesse o nome dela? Ou que estivesse grávida? Quero fazer essas perguntas pessoalmente para minha psiquiatra.

27 de Março.

Escutei um grito desesperado advindo do quintal agora a pouco. Era normal, já estava farto dos pesadelos e enganações da minha cabeça, já não sentia medo e fui averiguar.

Observei aquele quintal, e ainda observo enquanto escrevo, aquelas gramas manchadas pela tortura cometida naquele solo. A grama havia crescido desde o ocorrido, mal consigo olhar, quem dirá encostar. Lembrei de como eram simétricas aquelas gramas. O verde puro daquele quintal, hoje, sem vida, sem cores e sem padrões.

Inferno, acaba de passar pela rua o maldito assassino, meu vizinho. Não teve nem audácia de virar seu rosto para observar as marcas da mulher que matara. Por Deus, ela ficou lá, estirada naquela grama por horas e horas. Ela gritou tão alto que era impossível ninguém dessa maldita vizinhança ter escutado. Lembro-me daqueles olhos curiosos saltando pelas janelas vizinhas com o espetáculo macabro que presenciaram sem mover um dedo para

socorrê-la. Todos mataram aquela mulher, todos tiraram a vida de uma pessoa, todos colocaram, juntos, as mãos no pescoço dela. Maldição, não posso ser o único que está sentindo essa dor, essa culpa. Por favor, Deus, não me diga que só estou sentindo isso por ter sido no meu quintal, não ouse me falar que não sentiria essa dor se fosse no quintal do outro.

28 de Março.



Os policiais chegaram e levaram-no nesta tarde. Contei-lhes, anonimamente, sobre o ocorrido de forma detalhada dos fatos. Espero que aquele demônio apodreça na cadeia. Mas não muda a minha culpa, ainda sinto o sangue viscoso nas mãos. Mas tive que fazer, pois já não aguento olhar aquele sujeito sem vomitar. Tentarei dormir sem remédios hoje a noite.

29 de Março.

Sonhei com a minha falecida mãe, como ela estava linda, como sempre fora e sempre será em minhas memórias. O sonho se encerrou com um beijo macio dela na testa, o que me fizera acordar e sentir um estranho toque quente na mesma região. Despertou as saudades de casa, das bagunças da Anna. Estranhamente senti saudades das rigorosas falas do meu pai. Devo pôr para funcionar o telefone e ligar para ele, apenas para dar um alô para o velho e falar com a Anna e, dessa vez, eu não minta sobre visitá-la.

30 de Março.

Estou chorando quase a tarde inteira. Mal estou conseguindo escrever essa carta que penso ser a última de tantos remédios que tomei para me acalmar. Liguei para minha casa e Anna me atendeu. Ela estava chorando, não conseguia entendê-la. Depois de se acalmar, ela explicou tudo. Meu pai morreu. Suicidou-se e Anna encontrou seu corpo quando voltava da escola. Contou também que no dia anterior de se matar, ele ficara bebado e na sua poltrona começou a chorar, acompanhada de uma música melancólica, e dizer palavras que nunca nos dissera. “Amo todos vocês”, enquanto olhava nosso retrato de família. Novamente ela começou a chorar pelo telefone ao me contar essa atrocidade. Ela agora está com a vizinha ao lado, muito próxima da nossa família. Ela é forte e irá morar comigo.

31 de Março.



Abracei forte minha irmã como nunca após o enterro do meu velho. Encerro essas cartas e darei para minha psiquiatra amanhã. Um novo tempo agora vai começar: esperança para mim e minha irmã e de medo e dúvidas.

Ontem de madrugada fui fechar as cortinas da janela e meu vizinho, aquele assassino, observava-me, parado perto do quintal. Ele foi solto e sinto que ele sabe quem o entregou.

Não sei o que vai acontecer comigo e até mesmo com outros vizinhos com esse sujeito perigoso tão próximo mas, dessa vez, juro pela minha mãe e meu pai; irei lutar.

1º de Abril de 1964.



Doce trauma

Mirelli Vacarem Francisco

Eram 01:58 quando eu escutei os primeiros sons.

Estava vindo da sala de estar, pensei que poderia ser alguém tentando abrir a janela, então resolvi levantar e caminhei - tentando não fazer nenhum som - até os ruídos, ao chegar mais perto vi que era meu pai levantando sua mão e batendo na minha mãe, ela parecia estar com os olhos marejados de lágrimas e pedia desculpas ao meu pai. Corri para o meu quarto, fechei os olhos - na tentativa de esquecer aquela cena - e adormeci. No outro dia, bem cedo, minha mãe preparou uma mesa muito bonita com pães feitos em casa, frutas frescas, aveia e mel.

Quando estávamos todos sentados na mesa, contei o que havia visto ontem a noite, minha mãe mudou de expressão no mesmo instante, notei que seus olhos estavam inchados, e usava uma maquiagem, estranhei, ela nunca usara nada antes - a não ser nos meus aniversários -. Meu pai me advertiu e disse que não passava de um pesadelo, e que precisava parar de assistir aos meus seriados de terror.

Dias e noites se passaram, tudo voltou ao normal, os sons daquela noite não se repetiram, até que, na véspera da minha primeira comunhão, naquela madrugada fria de inverno fui acordada por minha mãe, que estava com seus olhos roxos e com uma feição triste, ela me dizia baixinho e com uma voz doce:

· Anne, a mamãe precisa que você pegue uma roupa e venha comigo sem fazer barulho. Eu ainda não acordava totalmente, com muito sono, assenti e fui com ela. Ao passar pela cozinha vi meu pai jogado



no chão com uma garrafa, acho que era de água, mas não me lembro muito bem. Chegamos à estação de trem, mamãe me disse que tudo ia ficar bem e não precisava me preocupar. Quando estávamos embarcando vi papai correndo, ele parecia estar chateado e vinha segurando uma flor - uma rosa, eram as preferidas da mamãe - disse para minha mãe que deveríamos esperar por ele mas ela rapidamente me colocou dentro do trem e as portas se fecharam. No caminho comecei a questioná-la para onde íamos.

- Mamãe, para onde estamos indo? Perguntei.
- Vamos passar um tempo com sua avó.

E foi isso, a viagem toda ficamos sem conversar, chegamos em Arroio dos Ratos, uma cidadezinha que fica no interior do Rio Grande do Sul, eu não entendia o motivo de morarmos tão longe do resto da família, mas minha mãe dizia que em Curitiba haviam as melhores escolas e quando eu ficasse do tamanho dela, eu iria entender.

Quando vi minha avó, fui correndo para abraçá-la, estava com muita saudade, acho que desde o meu aniversário de dez anos eu não a via. Tudo bem, eu tinha onze anos. Ela e a mamãe passaram horas e horas conversando, mamãe parecia estar desabafando e colocando as histórias em dia - como dizia ela -, logo meus priminhos chegaram e nós pulamos no açude que havia no quintal. Por ser uma cidade do interior, a casa ficava em uma fazendinha, que tinha açude e lagoa, um pouco distante da cidade grande.

Os anos se passaram, e aquela foi a última vez que vi meu pai. Até hoje eu e minha mãe não tocamos mais no assunto e nunca mais tive notícias dele, mas, eu ainda tenho vagas lembranças daquela noite em que eu escutei minha mãe chorando na sala de estar. Comecei a entender um pouco mais sobre relacionamentos, e um dia, enquanto estava



na rede do nosso quintal, percebi que naquela noite, que escutei os sons, meu pai, na verdade, havia

batido em minha mãe, e que aquela garrafa não era de água. Desde aquele momento em diante senti um nojo de meu pai, que se o visse em minha frente, era capaz de machucá-lo. Com meus dezessete anos, estou saindo de Arroio dos Ratos, pois, passei na minha faculdade dos sonhos. Com tudo pronto, malas feitas, apartamento alugado na cidade onde ficava a universidade, e adivinha, era em Curitiba, mamãe tinha razão quando disse que aquela cidadezinha era realmente muito boa para estudar. Então, fui em busca de começar minha vida de universitária.

Na minha primeira noite em Curitiba, resolvi sair para conhecer a cidade, o céu estava estrelado, o clima parecia de verão, estava tudo bem agradável, até que, um senhor me parou e me deu uma carta. Fiquei sem entender, o homem sumiu, não falou o nome, simplesmente sumiu. O que eu não esperava era que aquela carta era para mim, escrita pelo meu pai. A data era do ano em que partimos, ele me dizia que estava muito triste e me pedia desculpas por tudo que vivenciei, e iria mudar por mim. Não entendi nada.

Ao chegar no apartamento recebo uma mensagem, era de um hospital, dizia que meu pai havia contraído um vírus e que necessitava me dizer algumas coisas antes de partir. Decidi ir até esse local.

Cheguei lá, e dei de cara com ele, estava pálido, magro, totalmente diferente de como eu me lembrava. Havia também uma mulher que o acompanhava, parecia um pouco mais velha que eu. Ele me disse coisas que não faziam sentido. Contou que me escrevia todo mês e enviava essas cartas por correio. Estava chocada, nunca havia recebido nada dele. Será que minha mãe me escondia tudo isso? Pensei.



Contei para ele tudo. Ele me pedia desculpas a cada minuto.

· Queria que tudo fosse diferente, minha filha, me desculpe. Disse ele.

A médica veio e disse que lhe restavam apenas algumas horas de vida. Fiquei abalada. Como assim? Depois de anos sem vê-lo e nem saber de nada ele vai morrer? O que está acontecendo?

Liguei para minha mãe, que ao saber de tudo só conseguiu chorar e me pedir desculpas. Me disse que fez isso para me proteger, pois não queria que eu tivesse essas lembranças dele.

Mais tarde naquela noite, meu pai faleceu. Hoje, com vinte e cinco anos, achei as cartas que ele escreveu. Minha infância foi uma grande mentira.



Mas ele nunca me bateu

Eduarda Portella Gallina

Eu percebi que ele era o amor da minha vida quando a gente trocou olhares pela

primeira vez. Até então, eu nunca tinha me sentido tão viva assim. E pensar que na semana anterior àquele dia, no meu aniversário, eu ouvia as histórias mirabolantes da Alice sobre suas mil e uma paqueiras, pensando que aquilo tudo não passava de uma bobagem. Qual era o sentido em manter relações superficiais com inúmeros garotos com objetivo de satisfazer desejos carnavais passageiros e voláteis? Não, eu simplesmente não conseguia entender a razão de tamanho alvoroço.

Naquele dia, escutando-a tecer histórias que provocavam risinhos abafados em minhas amigas, meus pensamentos corriam longe da realidade. A imagem de Cinderela e seu príncipe dançando surgiu, os passos sincronizados com a música, os olhares se encontrando, o amor à primeira vista... Por mais que eu tivesse vergonha de admitir, no meu íntimo, ansiava por uma paixão como aquela, pura, instintiva, mágica. Aquele era meu sonho, como diria Cinderela: *“A dream is a wish your heart makes.”*

Uma sensação de desejo ardente me tomou por inteira naquela tarde de setembro. Eu sentia, mais do que via, o seu olhar me perscrutando, como se ele estivesse vendo através de mim, decifrando um enigma. O garoto era alto, magro, de cabelo cacheado e agora caminhava na minha direção. Aquele acampamento Farroupilha ficou pra história.

Após alguns dias de conversa, tive certeza de que estava apaixonada por ele. Marco era a pessoa mais doce que eu já havia conhecido, um legítimo cavalheiro saído dos contos de fadas. Ele me convidou para



um encontro no parque, preparou uma cesta de piquenique com todas as coisas que eu gostava. Inebriada pelos ventos da paixão, logo cheguei à conclusão de que o nosso encontro fora obra do destino. Oficializamos a relação no dia 17 de novembro. Assim, todo dia 17, como que num combinado velado, ele me trazia gérberas amarelas, que eram as minhas favoritas, e eu agradecia-lhe, elogiando sua atenção aos detalhes.

Dançar em festas e bailes era uma de minhas atividades favoritas e nós formávamos um belo par na pista de dança. No entanto, minhas amigas sentiam como se Marco trouxesse consigo uma aura pesada onde quer que fosse. Esse desconforto, por sua vez, deixava-o incomodado, conseqüentemente me afetando também. Conversei com algumas delas sobre isso, que me confiaram histórias sobre uma suposta traição de Marco semelhantes às saídas de revistas de fofoca. Reagi do mesmo jeito que me comporto diante de manchetes sensacionalistas: com descrença. Escolher relações rotas e frágeis com amigas que nunca haviam sido confidentes de sonhos e inseguranças em vez das flores amarelas que desabrochavam no meu coração pareceu algo impensável. Assim, as amigadas juvenis desembarcaram, ao passo em que eu dava partida no trem do destino com Marco ao meu lado.

As rodas da locomotiva traziam-me novos horizontes a cada volta. Após nossa formatura do Ensino Médio, eu ingressei no curso de Nutrição. Pressentia que minha vida estava entrando nos trilhos, meu futuro lentamente tomando forma. Na universidade, fiz novos amigos, com os quais adorava sair e conversar horas e horas sobre anseios e desejos. Ao passo que isso acontecia, minha relação com Marco desenrolava-se guiada pela regência da paixão prematura.

Um dia, enquanto estava no ônibus a caminho da universidade, senti uma tontura, minha visão embaçou-se e desmaiei. Sim, eu estava



grávida, disse o meu médico. Naquele momento, senti como se o caminho que eu até então traçara para a minha vida se despedaçava. As lágrimas amontoavam-se nos meus olhos, ansiosas para cair, quando um aperto em minha mão me fez voltar à realidade. Olhei para Marco e nele encontrei conforto. Eu ainda podia ter meu final feliz, contanto que ficássemos juntos.

Alugamos um apartamento na Zona Norte e deixamos o trabalho consumir as esperanças de finalizarmos nossos estudos. A luta pela sobrevivência tornou-se lei e, assim, pequenas diversões do cotidiano foram sendo suprimidas, até mesmo os amigos tornando-se nada mais do que meras lembranças de um passado remoto. A prioridade era firmar raízes para que a família que eu sempre sonhei pudesse florescer.

Um dia, quando não fui capaz de deixar o almoço pronto em um horário razoável, debilitada pela batalha constante da vida, Marco mostrou-me uma nova faceta. Em um impulso, segurou meu braço de modo a tolher-me os movimentos, fazendo-me prisioneira durante longos segundos. Ao retornar de seu trabalho, à noite, trouxe-me flores, as gérberas que tanto amava. Mais uma vez, o destino me pregava peças. O amarelo refletido no brilhante do anel de noivado garantia dias melhores.

Seis meses depois, saímos de mãos dadas da catedral. Eu finalmente havia alcançado o ponto no qual os contos de fada acabam abruptamente, pois presume-se que aquela felicidade momentânea será duradoura e eterna. No meu caso, tal afirmação não poderia estar mais distante da realidade.

A chegada de Carla ao nosso mundo me fez descobrir uma forma de ser feliz naquela realidade improvável. Apesar disso, Marco não demonstrava compartilhar dos mesmos sentimentos que os meus. Escolhera a bebida como amante alguns meses depois do nascimento de



nossa filha. Tomado pela fadiga dos dias de trabalho, ele destilava falas ofensivas e iradas, nas quais culpava-me pelo buraco que havíamos cavado. Nessas ocasiões, eu chorava rios de lágrimas, pois acreditava naquelas palavras. Havia sido enganada por um grande ilusionista, porém temia que essa pessoas fosse eu mesma.

Corroída pela culpa, tentava, em vão, tornar nossa realidade menos angustiante. Anulando-me, buscava me camuflar nas paisagens da vida. Entretanto, nada disso era suficiente para ele. Uma noite, Marco perseguiu-me insistentemente tal qual um predador à caça, munido de palavras cortantes e verdades duras. Como um animal acuado, fugi com Carla à casa de minha irmã Helena. Contei-lhe tudo o que ocorrera e ela, preocupada, aconselhou-me a registrar um BO de violência doméstica, alertando sobre o nosso relacionamento ser abusivo.

Embora tudo que ela me falara me assustasse, eu simplesmente não tinha forças para deixá-lo. Em meu coração, rememorava os momentos decisivos de minha vida, nos quais o meu caminho fora traçado, e todas essas variáveis apontavam na mesma direção. Não importa o quanto eu desejasse sair do trem do destino, sempre me deparava com gérberas na plataforma de desembarque. No final das contas, Marco ainda era minha melhor (e talvez única) chance de viver um amor de verdade.

Os próximos anos, contudo, foram um ciclo de terror. As ameaças continuaram e se tornaram mais letais. Tornei-me prisioneira de minha própria história, ludibriada por suas fantasias e cada vez mais afastada da realidade, de meus amigos e de minha família. Apesar de tudo, Marco ainda me trazia gérberas e, assim, eu me deixava acreditar em suas palavras doces e em sua paixão sufocante.

Entretanto, seu discurso gentil e amoroso desaparecia quando ele voltava para casa embriagado tarde da noite. Nessas ocasiões, nossa



morada era tomada por gritos, insultos, ameaças e o som do vaso que abrigava as flores amarelas se partindo. Em todas essas situações, planos de fuga tomavam forma e minha mente, porém eu nunca arranjava coragem para concretizá-los, pois aquele bêbado era o meu marido, que me amava e que sempre prometia mudar seu comportamento.

Um dia, no seu trabalho, após ter completado 30 anos, Marco teve um AVC. As sequelas do ocorrido ataram meu destino ao dele de forma irremediável. Não sendo mais capaz de realizar ações básicas, dando para sentir que tinha vergonha e raiva de depender de mim para a sua sobrevivência. Nesse ponto, eu tinha desaprendido a viver em busca de meus sonhos e ainda o amava, não era capaz de abandoná-lo à própria sorte nas condições em que ele se encontrava. Desse modo, as pétalas das flores que uma vez representaram minha felicidade secaram, e o trem da vida não tinha passagem de volta.

Em seu enterro eu chorei. Chorei muito. Por todas as ameaças a mim e à minha filha. Por tudo que ele me disse e eu não pude rebater. Por tudo que ele me privou. Entretanto, acima de tudo, chorei por ter perdido uma das pessoas que mais amava, pela qual havia feito sacrifícios e renunciado grande parte da minha vida. Seu eu me arrependia? Não seria capaz de responder. Embora eu sentisse raiva de todos os abusos pelos quais Marco me fez passar, eu também sabia que foi minha escolha estar ao seu lado por todos esses anos, mesmo que eu tenha perdido uma parte de mim mesma neste processo. Apesar de tudo, eu acreditava que vivera o amor sobre o qual sonhava; um amor cheio de renúncias, mas ainda assim o melhor que eu pude conseguir naquelas condições. No final das contas, ele nunca me bateu.

Noite de núpcias

Marcus Andrei Ullmann

Já está tarde... Lá fora o vento sopra forte, impetuoso, importuno e com aquela melúria que há anos eu não ouvia. Ele bate à porta, força a janela e por uma minúscula fenda formada pelo desencaixe de alguns parafusos da aldrava consegue, finalmente, entrar. Balouça suavemente a pesada cortina de lona azul, que pelo zéfiro é facilmente movimentada. Zurze alguns panos brancos que, jocosos, cobrem a mobília: umas poucas mesinhas com velas. Perscruta a sala e chega a minha espinha, gelando-a como outrora, causando arrepios fúnebres que eriçam desde os cabelos grisalhos aos derradeiros pelos das pernas, deixando a derme tão hirta quanto a pele de um frango recém-depenado.

Meus aposentos tornam-se cada vez mais gélidos por essa suave emanção do minuano. O aspecto inânime e apático de cada objeto por aqui é acentuado por essas golfadas de aragem lá de fora. E o frio é tão intenso por essas paragens que até os carrapatos, minhocas e outros insetos e vermes se escondem. Dir-se-ia que estes aposentos são tão úmidos quanto uma tumba, tão gelados quanto um mausoléu. Tão glaciais quantos os cubos de gelo que colocaram em *minha última taça de meu último gole de vida*.

Ainda lembro bem os fatídicos acontecimentos daquela noite. Posso definir como uma foto polaroide, mais colorida, porém, a nossa imagem de recém-casados em nossa noite de núpcias. Apesar dos anos, nunca se apagou de minha mente o derradeiro momento, em que a noiva ria e debochava de meu fraque desajeitado. Eu abria o espumante,



servia as taças longas e oferecia a ela. Tomamos muita bebida alcoólica naquela madrugada. Estávamos, ambos, nitidamente ébrios.

Ela era linda. Os cabelos curtos e negros, os olhos grandes e castanhos, a mandíbula afinada, as maçãs rubras e a franja cuidadosamente caída em sua face: um ar de nobreza. O vestido branco, sem a grinalda, lhe caía como um traje de debute. A maquiagem que usara para a cerimônia não era branda, era forte tal qual sua personalidade. Um lápis negro lhe delineava e aumentava ainda mais o olhar, as bochechas ainda mais rosadas pelo artifício do *blush* e os lábios... Ah, os lábios, que ostentavam um batom escarlate. Não consigo esquecer-me também dos cílios, sim, os cílios postiços, eriçados e longos eram uma marca sua; um toque particular ao rosto, cujo detalhe Deus tinha esquecido, dizia.

Já iam horas mortas. Eu, tonto, cambaleava em direção ao banheiro. Precisava lavar meu rosto, recobrar o juízo. Precisava cumprir minhas obrigações de marido naquela noite. Até agora não havíamos feito nenhum movimento nesse sentido tão lúbrico, nenhuma carícia, palavra de afeto ou insinuação mais concupiscente. O objetivo não era, de fato, beber e dar gargalhadas um do outro.

Foi então, enquanto enxugava o rosto na toalhinha branca do hotel, que a vi, pela fresta da porta entreaberta, vertendo em minha taça o conteúdo de um frasco âmbar que retirara de sua bolsa. A solução formada pelo estranho pó que ela adicionara a taça e ao seu conteúdo alcoólico possuía a mesma cor do vinho que tomávamos.

Terminei de enxugar a face e fui ao encontro dela, que estava sentada na cama. Sem levantar suspeitas, sem mencionar palavras, apenas observando suas feições esquivas, sua tez lívida, suas mãos suadas e sua aparente ansiedade, aproximei-me.



- Não vais beber, marido? - Disse ela, reticente.
- Vou - sussurrei.

Permaneci olhando para a esposa de soslaio. Peguei a taça, levei-a em direção aos meus olhos, observei o líquido nela contido durante alguns instantes. Fi-lo agitar-se em um movimento orbicular dentro do recipiente. Verifiquei que o pó se dissolvera totalmente. Não havia resíduos nem emulsões na taça. Nenhum precipitado sequer. Disfarçadamente, senti o cheiro, como se estivesse apreciando o aroma do bom vinho tinto seco que pedimos horas antes. Além do ébrio odor fenólico, o vinho não exalava nenhuma outra sensação olfativa. Era a vez do paladar. Precisava sentir o gosto para terminar minha investigação organoléptica, mesmo suspeitando de veneno. Levei a taça aos lábios. A consorte vibrava. Sorvi um pequeno gole. Era amargo.

· Então pensas tu que podes me envenenar? Qual motivo? - Falei asperamente, contudo, sem alterar o tom da voz.

· Não é o que pensas, marido - respondeu ela, atônita - não julgues sem saber do real intento que tinha...

· Cala-te! Sorva tu mesma do vinho envenenado, beba desse néctar ofídico e prova-me a tua inocência! - Estendi-lhe a taça.

Ela tomou o cálice de minhas mãos com voracidade. Já engolfava goles fartos da bebida, quando me aproximei dela violentamente e, num acesso de ira, fi-la entornar mais vinho, obrigando-a com as minhas mãos em torno da taça. O líquido escorria de sua boca, vertia pelas maxilas e manchava o vestido branco e os lençóis alvos do leito, misturando-se às pétalas rubras espalhadas pela cama. Parei quando ela deu sinais de engasgo.

Ainda possuído pelo meu instinto feroz, pelo meu momento de embriaguez, pelo surto psicótico que se apoderou de meu âmago,



arranquei a taça de cristal das mãos dela e arremeti-a de encontro ao crido mudo, ao lado da cama. O abajur oscilou, a luz esteve num frêmito vacilante e criou sombras que bailavam pelo rosto lívido de minha amada. Sobrara a haste quebrada em minhas mãos, cuja extremidade do que minutos antes era uma taça, culminava numa ponta afiadíssima. Com este objeto cortante brami os ares, perfurei o vestido e penetrei o colo de minha recém-esposa. Senti o vidro lacerando a pele, entrando fundo na carne. O sangue quente logo verteu da ferida recém-aberta, conspurcando tudo a volta, inclusive minhas mãos, a alcova e o vestido branco.

Agora havia um misto de vinho dissolvido em sangue, de rosas vermelhas flutuando em uma poça púrpura sobre a cama. Um corpo jazia estendido sobre um de meus braços enquanto o caco erigia-se do abdômen da mulher. Era um painel branco, de paredes brancas, de lençóis brancos, de vestido branco, de rosto brando circundado pela maré vermelha, intoxicante. Um soluço, uma palavra e foi só, antes do sangue subir pela traqueia e escorrer, suavemente, de sua boca encarnada e manchar as lívidas bochechas:

· Era... Era ópio. - E entregou a alma aos céus.

Aquilo me consternou. Como assim, ópio? Eu, acaso, havia precipitado meu julgamento? Era um vício dela que eu desconhecia? Como podia ser? Todavia, era disso que se tratava, com certeza.

E ela era inocente.

Porque haveria de querer-me morto, afinal? Agora, em meu acesso de fúria, que não era único, contudo uma reprodução insistente de um quadro violento e costumaz, agora, em meu leito nupcial, agora eu havia matado o único ser que fora capaz de enxergar além de um bronco, bruto e grosseiro homúnculo.



Comecei a tremer. A aflição, a consternação, começava a reverberar em meu íntimo. Não sabia o que fazer. Uma taquicardia apoderou-se de meu coração. Bebi alucinado o que restara da outra taça de vinho, aquela que estava servida para ela. Permaneci alguns minutos quieto, com a cabeça baixa, entre os braços. Chorei.

Foi quando senti que não conseguia mais estilar lágrima alguma, não conseguia pronunciar uma sequer palavra, a boca estava seca, a cabeça doía e girava, a respiração ficara ofegante e não conseguia discernir muito bem o que estava a minha frente.

Cambaleante, resolvi procurar o frasco âmbar na bolsa dela, da noiva morta. Achei um frasco sobre o qual estava estampada, em letras garrafais, a palavra que confirmava a droga. Era um opiáceo. Junto do frasco havia um papel. Resolvi abri-lo. Era um laudo médico encimado pelo logotipo do hospital psiquiátrico. Logo abaixo, mais ao fundo da bolsa, vi outro frasco menor, sobre ele lia-se; “EXTRATO DE *Atropa Belladonna L.*”.

Era ela louca? Ela havia dito, um pouco dantes, que queria aquele momento pela eternidade! Haveria eu me casado com uma doida? Pensando bem, agora fazia sentido. Por isso queria ver a nós dois mortos, no paraíso. Lá viveríamos eternamente na juventude... Só podia ser isto.

Foi logo após esta terrível descoberta que me estatelei no chão, pálido, convulsionando e espumando e engasgando... Depois, as trevas.

Acordei mais tarde. Quanto tempo exatamente não sei aferir. Já me encontrava preso neste aposento, nesta torre alta donde o dia parece nunca raiar. É sempre cinza aqui. E sempre paira essa densa névoa diante de meus olhos. Pela minúscula janela que há na face norte vejo um cemitério ao fundo e, abaixo, sempre há mulheres que trazem flo-



res. Contudo, por mais que eu grite, elas nunca me ouvem. Uma delas, a mais bela, a de olhos castanhos e queixo fino e que se parece com minha esposa - que matei - olha fixamente para mim por um longo período, volve-se e segue seu caminho, cobrindo a cabeça com uma túnica branca, tal qual adornava seu vestido de noiva.

Entretanto, as demais mulheres parecem não notar a presença da mais bela. O que será que significa isso? Não importa. Amanhã - se é que posso entender este espaço em que me encontro cativo, onde nem sol nem lua aparecem, onde sempre é tudo tão gris e não sinto um fluxo do dia sequer, se é que posso entender aqui como o mundo que outrora habitei - então, amanhã elas voltam.

Ah, querido esposo, meu fiel marido, te vejo no alto desta torre que construíram em tua homenagem, como teu mausoléu particular, e sinto não poder ajudar-te. Foi tudo que fiz durante anos, depois de tê-lo retirado daquele hospício. Mas não houvera quem conseguisse tirar-lhe a ideia do suicídio para viveres na eterna juventude.

O alienado eras tu!

Se ao menos tu lembrasses da injúria que me fizeste. Se lembrasses do extrato de beladona que extraias em tua botica, do pequenino frasco que colocaste em minha bolsa antes das núpcias sem meu conhecimento e das doses que adicionaste na garrafa recém-aberta de vinho sem que eu visse. Se ao menos lembrásseis isto, poderias te arrepender e não sofrerias este castigo eterno de ter de me ver e nunca mais poder tocar-me.

Foste tu, meu amor, quem primeiro me envenenou e depois me fizeste fria como a laje, morta como o mármore e me obrigaste a sorver o líquido gelado de *minha última taça de meu último gole de vida.*

O corpo no céu

Rafael Rambo Schardosin

Com toda angústia que acumulei a esse ponto, deixo esse documento como último sinal de minhas esperanças. Não deveria estar perdendo tempo utilizando de minha autoridade para registrar minhas banalidades no banco de dados da empresa, mas se as coisas forem como penso que serão, não fará diferença alguma no futuro, pois não haverá mais “empresas”.

Estou colocando esse documento em um pen drive, por garantia, mesmo que seja uma tola e desesperada atitude que, daqui poucas horas, posso me envergonhar estritamente de ter tomado. Entretanto, enquanto ainda não há evidências que me faça arrepender-me por meus impulsos, seguirei em frente com essa tolice guiada pelos meus instintos –que por sinal, me levaram a meu alto cargo de gerência.

A motivação dos meus atos está no novo objeto voador não identificado detectado nos céus de nosso planeta, repito, de nosso planeta. Uma colossal estrutura cujo tamanho pouco consigo descrever em meus insignificantes conhecimentos, sendo mais extensa que o próprio horizonte. Os traços da jamais antes inimaginável estrutura mal podem ser descritos, visto que sua silhueta é o único resquício de descrição que temos acesso, já que a estrutura é grande o suficiente para cobrir inteiramente o sol e nos deixar com uma pífia quantia de iluminação.

Inclusive, lembro-me claramente quando esse objeto colossal apareceu pela primeira vez, há dois dias. A noite instaurou-se em plena manhã, reinando sobre todas as coisas: o céu tomou uma forma estranha,



delineando contornos cujo os ângulos fariam o mais competente matemático frustrar-se em agonia ao perceber o quanto sua ciência era falha: e somente naquele momento, quando aquela coisa tapou o céu, ele foi perceber.

O corpo no céu trouxe, também, algum desespero aos físicos, pois ao entrar em contato com os demais países, nossos amados observadores astutos chegaram à seguinte conclusão: o objeto permanecia parado, desde o momento que chegara, em relação à órbita terrestre, respeitando apenas o movimento de translação. Dado como a extensão de suas proporções cobriam completamente o horizonte – todos, independentemente de onde você estivesse. Concluiu-se inicialmente que, portanto, o corpo no céu possuiria o formato de um anel, contornando todo o globo. A questão principal que surgiu após essa conclusão foi: “como diabos ele chegou tão perto sem que percebêssemos sua aproximação?”

Sabe, eu sempre fui uma pessoa racional. Em frente a uma situação dessas, eu estava pensando que era, de alguma forma, um tipo de fenômeno único que após alguns dias, passaria, nos deixaria voltar a nosso cotidiano e, por fim, seria registrado nos livros de ciência do fundamental com explicações científicas interessantíssimas, podendo trazer até mesmo uma nova descoberta revolucionário.

Minhas expectativas otimistas duraram, porém, até o segundo dia, ontem. Observatórios na Antártica – único local não tomado pela penumbra – observaram pequenos objetos voadores menores sendo preparados nas bordas do corpo no céu, algo que eles descreveram como “objetos semelhantes a naves”. Naquele momento, com essa notícia sendo divulgada, restaram apenas quatro grupos de pensamento e, eu, infelizmente, estava incluído em um deles.



Havia o primeiro grupo, composto de idiotas bélicos, que desejavam imediatamente o alvejamento do corpo no espaço com armas nucleares, mísseis balísticos ou o que quer que tivéssemos de armas. O segundo grupo era constituído por idiotas otimistas, imaginando

que essa seria uma espécie alienígena que veio nos visitar, buscando o comércio e a troca de informações, sendo esse o pilar de uma nova era da tecnologia.

Havia também o grupo de idiotas conspiracionistas, esses que afirmavam ser tudo um holograma criado pelo governo no intuito de controlar as pessoas em um momento de medo e histeria, levando-as a serem mais dóceis e facilmente “domáveis”, o mesmo tipo que recusa-se a utilizar dos procedimentos corretos em uma pandemia. Por fim, havia o quarto grupo, o meu, no qual nunca pensei que iria me encaixar: o grupo de idiotas religiosos.

Vale-se dizer que, como um membro desse grupo, pude sentir na pele as duas ramificações que estendiam-se na minha mente como se fosse me rasgar fisicamente a qualquer momento: era um dilema, ou eu cultuava aquele corpo no céu e o que quer que fosse vir dele, ou eu rezava para os deuses já conhecidos por nós humanos, esperando que fossem eles ou um enviado deles a vir nos salvar.

Infelizmente, nenhum dos grupos obteve qualquer confirmação de suas ideias, não até o dia que vos escrevo. O que me levou a relatar o momento mais desesperador de minha vida, o momento mais incerto em que estive ao longo dos meus quarenta anos de idade, é a hipótese terrível que cobriu minha mente em um momento de distração.

Refleti: quando as embarcações europeias pela primeira vez foram avistadas pelos povos indígenas no horizonte da costa, qual o sentimento que isso os trouxe? E então, com essa simples pergunta perfurando



meus pensamentos e roubando minha atenção com uma brutal violência, meu corpo começou a tremer. Senti-me na pele de um nativo, que com arco e flecha, observava a chegada de uma gigante embarcação, equipada com canhões e demais armas de fogo. Lembrei-me, então, da maneira com que os povos originários da África e das Américas foram tratados em primeira instância: comparei e rezei, eu, um homem de pouquíssima fé, me pus de joelhos e passei a rezar.

Não sei o que há de acontecer, mas pouco tempo nos resta, disso tenho certeza. Para nós, a humanidade, talvez isso sirva de repreensão por nossos atos nefastos cometidos durante a história de nossos diversos povos. Para eu, um antigo ateu, talvez isso sirva de coerção para que eu abandone meu orgulho infundado. Com ânsia, eu continuo a rezar: Santo Deus, que esses seres não nos tratem da mesma forma com que nos tratamos.

O Sol no fundo do oceano

Melissa Silveira Paz

As ondas atingiram meus pés, causando arrepios em minha espinha. Uma sensação esquisita tomou conta do meu coração. Uma nostalgia confortável, mas dolorida ao mesmo tempo; um sentimento agridoce em meio à areia quente na qual meus pés se afundavam, contrastando com a água gelada do mar e o vento salgado.

Não sei se foi o vai e vem das ondas, os gritos das gaivotas ou o vento jogando meus cabelos para trás, mas algo fez meus pensamentos se voltarem aos dias preciosos da nossa infância. Você se lembra? Nós brincávamos todos os dias nessa praia.

Acreditávamos em tesouros no fundo do oceano. Nós passamos toda a nossa vida aqui e você via a morte como algo impossível, pois “tudo é eterno enquanto acontece no momento”, segundo suas próprias palavras.

Eu acreditava em você. Mas a vida é mesmo irônica, não é? Eu não creio mais em tesouros no fundo do oceano, afinal. Porque você era a única razão pela qual eu acreditava nisso.

Sabe, quando você se foi, ficou difícil prosseguir. Tudo se tornou feio e sem graça. Tudo, menos o mar. Assim como as ondas, eu sempre avanço até um ponto para logo depois voltar ao começo, ao lugar do qual eu nunca deveria ter saído: o próprio oceano. O início de toda a vida desse planeta. O local onde você está. Porque, parando para pensar, você é o meu tesouro no fundo do oceano. E sempre será.

Dei um passo à frente. Senti pequenos mariscos se esconderem abaixo dos meus pés, fazendo cócegas em mim; o riso, porém, não veio.



Eu estava concentrada em algo muito mais importante. O Sol estava se pondo. Um espetáculo de cores tomou o céu e a água em tons de laranja, rosa e amarelo. O mar engolia o Sol, assim como o seu fantasma engole minha mente, obriga meu corpo a te encontrar no fundo da minha cabeça.

Avancei um pouco mais, relutante. A água alcançou meus joelhos. O mar é o lugar onde tudo começou, você sabe disso. Nele, estão enterradas nossas melhores lembranças. Se eu seguisse até o fundo, será que tudo voltaria? Será que eu poderia te achar? Se eu nadasse até o fundo do oceano, nós nos juntaríamos outra vez? Quando o mar engolisse o Sol, eu deixaria ele me engolir também. O Sol no fundo do mar me guiaria até você. Só precisava andar um pouco mais...

Mas alguém chegou por trás de mim e segurou meu braço, me tirando da minha hipnose. Virei-me num salto. Por quanto tempo ele estivera lá, me observando?

· Ângela, o que você está fazendo? – repreendeu-me um garoto de pele queimada pelo sol. Sua voz era baixa como um sussurro. E você sabe quem ele é, assim como eu também sei.

Ao constatar meu silêncio, o rapaz suspirou, cansado. Uma luz âmbar o iluminava, evidenciando suas olheiras.

· Esqueça. Vamos voltar para casa. Você não pode ficar aqui o dia inteiro, todos os dias! – ele tentou me levar de volta para a praia, mas minhas pernas não se mexeram. Permaneci estática.

· Você não entende. Eu preciso ficar mais um pouquinho – desvencilhei meu braço de sua mão – por favor, volte para casa sem mim, hoje. Juro que vou depois de você...

Lágrimas escorreram pela minha face contra minha vontade, calmas e salgadas, misturando-se à água abaixo dos nossos joelhos. Droga...



Eu odeio chorar, porque você também odiava.

O rapaz franziu o cenho e observou meu rosto, preocupado. Pôs uma mão no meu ombro, em sinal de compreensão. Virei meu olhar em direção à água. Não tinha mais coragem para encará-lo.

· Você está depressiva assim faz quanto tempo...? Uns seis meses, talvez? Ngela, eu nem te reconheço mais – o tom doce de sua voz me causou enjoos – você precisa seguir em frente. Não faça isso apenas por ela. Faça por você.

· Seguir em frente?! Está me dizendo para esquecê-la? Não tenho culpa se você é insensível a ponto de apagar da memória quem te amava. Mas eu não posso viver sem ela, porque eu não abandono meus amigos! – essas palavras saíram mais duras do que o esperado. Senti pingos de chuva, finos como agulhas. A mão segurando meu ombro se tornou mais trêmula e pesada, então levantei o queixo para verificar se ele estava bravo.

Gotas douradas escorriam do céu e de seu rosto. Ouro puro caindo de seus olhos. As palavras insensíveis, a infância roubada, os arrependimentos, os erros e acertos; toda nossa vida escorreu dos olhos dele e foi parar no mar, onde você está. Porque ele também não conseguiu te esquecer, você sabe. E eu não deveria ter sido tão cruel.

· Acha que está sendo fácil para mim? – com uma mão, ele enxugou o rosto molhado. Logo após, o garoto agarrou meus ombros e me sacudiu com violência – É horrível, caramba! Eu nem sei como consigo sair da cama todos os dias! Mas adivinha? Eu estou vivo e não tenho outra opção senão levantar e seguir andando. Porque mesmo doendo, ainda tenho esperança no futuro. Se eu ficar preso ao passado, nunca sairei dele. Eu quero deixar a dor ir embora, você não entende?! Ela iria querer nossa felicidade, mesmo sem ter a mesma chance.



Eu tenho certeza disso! – fez uma pausa para retomar o fôlego, entre soluços – você me ouviu? Não faz sentido se lamentar pelo passado, nós não podemos viver nele. Você está aqui. Se não formos felizes no presente, ela também não será, porque agora ela só existe dentro de nós. E você é importante, Ângela. Não se culpe por merecer ser feliz, depois de tudo.

Fiquei sem reação. Ao sentir seu abraço me envolver e sua respiração subir e descer, pesada, não pude conter minha boca. “Desculpa, desculpa, desculpa”, várias vezes, sem pausas. Eu gostaria de poder controlar, de verdade. Mas é tão difícil, tudo dói...

Permanecemos assim, calados, durante um tempo. Quando me dei conta, já estava escuro. Mal conseguia enxergar seu rosto em meio ao breu.

· Eu preciso te contar uma coisa – sussurrou – eu planejava dizer isso em outro momento, mas eu... eu consegui um emprego em outra cidade. Vou me mudar para a casa da minha tia daqui a uma semana ou duas. Quero saber se você gostaria de ir comigo. Tudo bem se não quiser ir, mas eu estava pensando, e... talvez seja bom recomeçar nossas vidas em outro lugar. Sabe, deixar todas as coisas ruins para trás. Sem precisar fazer isso sozinhos.

O rapaz sorriu, se afastou e estendeu a mão para mim.

Entrei em estado de choque. Meu estômago se revirava, era tanta informação ao mesmo tempo! Então, fechei os olhos por alguns segundos. Todas as minhas lembranças naquele lugar passaram pela minha mente em lampejos. Foram bons momentos. Nunca irei esquecê-los, assim como nunca esquecerei você.

Porque você é o tesouro no fundo do meu oceano. E sabe disso.



Mas não me arrependo de sorrir e segurar a mão dele, em resposta ao seu pedido inesperado. Não me arrependo de quando corremos pela areia até chegar em casa, rindo como se nada tivesse acontecido. Nós merecemos ser felizes, depois de tudo. Todos nós merecemos.

E tomada por uma nostalgia confortável, mas dolorida, eu fui com ele. Um sentimento agridoce: a própria vida por si mesma, se fazendo presente mais uma vez.

Tolice, Ofélia

Bruno da Silva Santa Catarina

Já era passado das seis da tarde, Ofélia levantou-se da poltrona verde musgo no canto de sua pequena sala, ao lado da lareira de pedra onde alguns poucos retratos em preto e branco repousavam guardando memórias de longa data, caminhou até a porta de carvalho escuro, ergueu a pequena cortina de renda branca e espiou lá fora. O carteiro colocava, com um pouco de mau humor, observou, a correspondência na caixinha 230, da rua Parkside, Londres.

Com uma pressa incomum, tentando alcançar antes que se fosse para trocarem apenas algumas trivialidades, foi até seu quarto e pegou apressadamente sua carteira que estava sob sua penteadeira junto aos cosméticos, escova de cabelo e grampos, que desde muito jovem possuía. Sempre fora uma mulher vaidosa. Voltou à porta e a abriu com fulgor, mas desapontada notou que o carteiro já havia partido e lentamente desaparecia em sua lambreta amarela, recém polida, pela rua.

Fechou então a porta e caminhou, com toda a velocidade que sua idade permitia, até a pequena padaria da família Berdinatto. A padaria da família italiana já estava instalada lá desde muitos anos antes de Ofélia e o marido, falecido no ano passado, mudarem-se para a residência na qual, agora, morava sozinha. E permanecia exatamente igual, as flores dos três vasos da entrada, sempre perfeitamente podadas, a mesma cor laranja em contraste com o branco reluzente das janelas, as mesmas cadeiras e mesas de 10 anos atrás, já cansadas de acolherem todos os dias os clientes que vinham de toda a parte, devido à fama da característica receita do pão italiano guardada a 7 chaves pela família.



Ofélia subiu os três degraus da porta e caminhou até o balcão. O cheiro dos folhados recém tirados do forno inundavam toda a padaria e criavam uma atmosfera familiar e receptiva. Mia, a filha mais jovem dos padeiros, vinha da cozinha carregando uma enorme bandeja de assados, que colocou com suavidade sobre o balcão antes de cumprimentar Ofélia, com sua doçura e sorriso costumeiros. Entregou com gentileza um pacote marrom, com algumas manchas de água, devido ao vapor quente que saía dos pãezinhos que haviam sido colocados lá dentro à Ofélia. Agradeceu a jovem e saiu, abandonando o delicioso aroma dos assados.

Caminhando de volta para casa, observava atentamente as pessoas a sua volta, sem a menor pressa para retornar à sua, nem tão confortável, solidão. Um casal de mãos dadas estava sentado em um dos bancos da rua, rindo sobre alguma coisa boba que um deveria ter dito ao outro, não deviam ter mais de 18 anos. Fez lembrar-se de quando conhecera seu marido, e em poucos instantes já estava perdida em memórias, momentos eternizados em sua mente que jamais retornariam. Em um delírio submerso podia até sentir o cheiro do perfume que usava na ocasião, e enquanto caminhava, mesmo em um movimento contínuo e involuntário dos passos, se encontrava há 50 anos, outros tempos, outra era, outra vida.

De repente, uma buzina aguda da movimentada Londres, seguida por gritos e gestos de um motorista nem tão contente, trouxe seu espírito de volta ao seu corpo e tornou a tomar consciência, enquanto dava uma leve balançada em sua cabeça, como se

tentasse afastar os pensamentos que a aprisionavam ao passado. Observa no alto, pássaros voando rumo ao sul, perfeitamente enfileirados e em um voo extraordinariamente uniforme. “Tolice, Ofélia”,



repete para si mesma em um tom quase melancólico, de forma quase despercebida.

Abre o baixo portão de sua casa, a tinta branca gasta e com um rangido agudo. Faltava óleo. Ignora e abre a porta de sua casa, mal suportando a escuridão, a casa tão repleta de vazio e o ensurdecido silêncio que lá jazia. Hesita em entrar, suspira, e caminha para dentro, largando o pacote com os pãezinhos já mornos em cima de sua mesa de madeira, com uma estreita toalha xadrez verde perfeitamente alinhada no meio. Fechou a porta e caminhou, mesmo com o ranger em protesto do assoalho, até sua poltrona verde musgo que havia abandonado horas antes, para retornar ao conto de *inverno*. Ofélia e seu marido sempre foram grandes amantes de Shakespeare.

Depois de se perder e se reencontrar várias vezes, mergulhada nas profundezas do drama, distrai-se com o *tic tac* do relógio, anunciando oito horas da noite. Se levanta, abandonando o livro que ganhara de natal de sua irmã sob a mesinha de centro, e arrasta os já cansados pés até seu quarto. Veste a camisola, solta os cabelos grisalhos marcados pelas décadas, deita-se na cama, desliga o abajur e finalmente, fecha os olhos.

A casa, repleta de escuridão, permite apenas ouvir o ranger das madeiras do telhado e a respiração já falha de sua moradora, sua amiga mais velha, com a qual compartilhara recordações... Felizes, tristes e solitárias. Não possuía nenhuma lembrança, mesmo que desejasse, de crianças correndo a sua volta, riscando suas paredes, batendo suas portas e escondendo-se por debaixo de sua escada, nem mesmo de um balanço pendurado sob a árvore da frente. Jamais possuiria.

Uma onda de vento esgueira-se pelas frestas da janela, balança as cortinas bege claras do quarto e carrega a leve brisa até o rosto, marcado



pela calmaria, de Ofélia. Suspira, uma última vez, e em seguida todos os músculos de seu corpo entram em um alinhamento de descontração. Descansa agora, para todo o sempre, sem ter tido a certeza de que aquela seria sua última manhã, sua última ida à padaria, seus últimos bolinhos. Sem saber que jamais terminaria o conto de inverno, que jamais retornaria a recostar-se sobre a confortável poltrona verde musgo. Sem saber que o fim de sua história se daria naquela melancólica noite de outono, enquanto o vento ecoava nas silenciosas ruas, úmidas pelas gotas fartas que caíam pesadas, que nunca mais tornaria a levantar banalmente mais uma vez, que suas memórias, eternizadas em sua mente, finalmente repousariam para sempre na casa 230, da rua Parkside, em Londres.

Viu-se uma última vez, aos 6 anos atirando pedrinhas, sentada na escada de pedra da sua casa da infância, observando os pássaros voarem extraordinariamente uniformes sobre a cabeça de sua mãe, enquanto apressada, estendia os lençóis, alvos como a neve.

- Me traga aqueles grampos. Depressa!
- Esses?
- Sim. Que sorriso tonto é esse no rosto, Ofélia?
- Estava observando os pássaros.
- O que tem de engraçado em pássaros, menina?
- Gosto de imaginar como seria voar.
- Quanta bobagem!
- Eu acredito que seja possível.
- Só pode ter batido a cabeça se acha que uma menina, ainda mais rechonchuda como você, possa voar.
- Acredito que nos sonhos eu possa. É um mundo sem limitações.
- Tolice, Ofélia.



Um sonho (?)

Teófilo Lemos Almeida Filho

Outrora ainda eu e outros fugitivos, todos maltrapilhos e em farrapos, andávamos por uma vasta extensão de áridas terras devastadas pela tirania sem precedentes. Nós estávamos entre um punhado de jóvens, negros, mulheres e pessoas com preferências sexuais consideradas profanas; fugíamos de todos, mas ninguém em específico; uma presença tão nefasta que nem sequer nossas imaginações poderiam conceber forma para tal. Nosso grupo se dirigia para a borda do mundo conhecido, talvez sem rumo apenas, ou talvez ainda para cair no abismo da incerteza que ainda seria melhor que a certeza do abismo.

Uma anciã com o rosto marcado pelo açoite do carrasco, o tempo, com as costas curvadas pelo peso de sua submissão, era progenitora de um “monstro”, como lhe foi diagnosticado, apenas balbuciava avisos de dor e de um sofrimento tão grande que uma vida não seria de todo para recebê-lo; profetizava asneiras sobre magia negra, sobre castigos e falava desesperadamente em bruxaria. Onde ela pensa que estamos? Salem? Quem sabe ela não seja, ao fim, a mais lúcida de todos nós? O fato é que nossos inquisidores não pretendem nos matar, eles querem nos fazer sofrer de formas onde a morte será nossa maior ambição.

Passo a passo nossa alma derretia pelo extenso deserto da vida, minha consciência tenta manter-se viva apenas por inércia, porque para desfalecer-se não haviam mais forças. Parece loucura, mas é assim que eu vejo. Quando todos já pereciam em seus últimos instantes, que o belo pássaro da esperança parecia se afastar cada vez



mais, em um voo suave e belíssimo, nesse momento surge ante de nós uma estrutura imponente, uma gigantesca caverna de rochas escuras, uma visão que, apesar de assustadora, era um alento para cansados olhos de incertezas. Uma caverna mitológica, em sua entrada os maiores titãs teriam de esticar-se para encostar no alto, de uma escuridão tão perversa que nem morcegos ousariam dormir ali dentro, um espaço tão sublime que até Deus encontraria-se boquiaberto ante tal estrutura.

O grupo, apesar de entusiasmado, estava receoso de sequer chegar perto da imponente construção natural. Eu mesmo, depois de reunir coragem de centenas de guerreiros, caminhei a passos relutantes até a entrada. Quanto mais me aproximava maior era minha vontade de voltar; meu coração se sentia esmagado pelas grandes rochas negras e minha mente gritava ao meu ouvido a todo momento, mesmo assim continuei, a cada passo mais sufocado. Enfim cheguei na entrada, notei alguma coisa entalhada nas paredes logo na entrada, “prisão”, “tempo”, “revolução”... As palavras seguiam em toda a extensão da caverna, ao menos até onde a densa escuridão me permitia enxergar.

O grupo foi se aproximando enquanto eu, parado na entrada da caverna, olhava com um misto de admiração, curiosidade e medo para o inacreditável vazio infinito que lá residia, um vazio de luz, de esperança, de vida... Volto do transe com um leve empurrão nas minhas costas, uma criança de uns sete anos, com sua pele negra semelhante a cor da caverna me pergunta se eu entraria naquele lugar. Eu confesso que provavelmente estava com tanto medo quanto a criança. Perguntei onde estavam seus pais, ao que ela me respondeu, séria e sem esboçar qualquer tipo de tristeza, que seus pais foram enforcados havia 3 anos. Meu peito se desfalece em milésimos de segundos.



A garota não tinha nome e, por isso, resolvi chamá-la de Atenas, em homenagem ao berço da civilização ocidental, pois tudo que precisamos agora é civilidade. Não sei se já mencionei mas eu sou... digo, eu era professor de história no que antes era uma sociedade.

O grupo entra na caverna, todos se esgueirando por detrás de mim, como se meu magérrimo corpo pudesse ser capaz de parar milhões de balas apenas pela minha força de vontade. Andávamos agora apressados, sem tochas nem nada do tipo. A escuridão nos consumia pouco a pouco. Alguns de fato enlouqueciam. O único que não parecia incomodado com toda esta incerteza era Dezer, um homem que mesmo a dias tendo comido apenas um único esquilo, mantinha-se com passos rígidos e sempre ereto. O seu rosto passava uma forte confiança, um rosto sem fraquezas e com uma barba grande que lhe caía do peito. Ele possuía tatuagens em suas costas em uma língua morta, provavelmente sumério. Nenhum de nós sabia o que significava, e ele não fazia nenhuma questão de interagir conosco. Parece que sua única missão de vida era nos conduzir ao final do teste de provação máxima que passávamos.

Enquanto eu fitava os brutos traços de Dezer, o grupo pára por completo e Atenas, que está em meu colo, puxa meus cabelos como que cabresteando um cavalo chucro. Eu paro de imediato e antes de sequer perguntar o que havia ocorrido, me deparei com o problema: uma mulher, de cabelos negros como a noite e em trajes esfarrapados nas cores vermelho, azul e branco, sobre a cor de pele não posso opinar; para mim sua pele era qual a minha; para Atenas a pele da mulher era como a dela e assim por diante. Por certo estávamos sob influência de um sério disparate em grupo. Enquanto o grupo ainda estava discutindo sobre a mulher, nem nos damos conta do fim da escuridão, uma



luz fortíssima emanava de um relógio de ouro do tamanho da roda de uma carroça de bois. Dezer, como sempre, seguiu andando em direção ao relógio, como se estivesse atraído por ele todo esse tempo. Caminhando a passos firmes e que ecoavam pela caverna inteira, Dazer seguia sob meu olhar atento, e então, ao chegar mais perto meu queixo cai com a reação do homem, com um único murro o relógio cai ao chão e suas centenas de engrenagens encontram-se espalhadas por vasta extensão de terra.

O barulho ensurdecedor chama a atenção de todos que lá atrás ainda fitavam a bela mulher apunhalada. Quase de imediato e sem esboçar qualquer reação, Dezer se põe a reagrupar todas as engrenagens, com habilidade de um relojoeiro profissional. Aproximadamente em 2 ou 3 minutos o relógio já estava praticamente pronto. Todos permaneciam hipnotizados com tal astúcia do homem. A caverna que estava novamente em um breu, quase que por magia começava a iluminar-se novamente. A anciã que insistia em balbuciar sobre magias profanas, agora fala inquietamente, como se tudo o que profetizava estivesse para acontecer.

Um estrondo interrompe qualquer pensamento que eu sequer pudesse estar cogitando. A luz novamente emana do relógio de ouro, que em seu insistente tic-tac começa a ditar ocorridos simplesmente mágicos.

No primeiro tic-tac, todo o grupo recupera suas forças, suas roupas, e sua consciência. No segundo tic-tac, Dezer começa a levitar enquanto suas tatuagens mudam constantemente de língua, que vai do sumério para o hebraico, do hebraico para o grego, do grego para o latim, do latim para o português. E, num passe de mágica, eu entendo aquelas runas, “IDEAL”. Dezer era nosso ideal, nunca deixando-nos



desanimar e nos conduzindo a este sagrado lugar, ele sai levitando em uma luz incandescente.

No terceiro tic-tac, a mulher punhalada também levita aos céus, suas roupas começam a ser reparadas e tornam-se uma linda toga tricolor, a qual separa-se do agora cadáver nú que segue seu caminho ao infinito. No quarto tic-tac, uma força do além tira Atenas de meus braços, a menina não chora, ela olha como que em transe para o relógio que até parece encará-la de volta.

No quinto tic-tac, as vestes da outra mulher agora passam a envolver o corpo da jovem Atenas. Ela recebe uma coroa de ouro e prata com os dizeres, “Res” e “Publica”. Agora eu entendo o nome que eu a dei; não foi escolha minha, e muito menos o fato de ela vir a mim. Ela é nova personificação da República como aquela pobre mulher foi antes dela. Meus pensamentos se dividem entre admiração e preocupação. Eu não podia permitir que Atenas tivesse o mesmo fim de sua antecessora, o vislumbre que me cercava cessa com o último tic-tac.

Atenas começa a falar com uma voz universal, como se todas as vozes do mundo se agrupassem nas cordas vocais de minha jovem protegida. Nos explica que ela é a personificação da nossa nova democracia, e que ela conduziria nossa nação de fugitivos. Toda minha euforia cai por terra quando começo a escutar os membros do grupo que começam a discutir sobre vingança. Fico perplexo ao notar o quão rápido esses miseráveis se corrompem. O poder, às vezes, corrompe os seres... Mas tão rápido?

A menina parece tão perplexa quanto eu e tenta argumentar com o grupo, que está cada vez mais agitado. Eu, então, tenho um triste vislumbre do que está para acontecer, como muitas outras vezes o ódio e o rancor destruirá a república, a democracia. De um momento para



o outro a luz transforma-se em trevas, eu entro em conflito enquanto tento dialogar com todos para salvar a menina, a multidão ensandecida não tenta sequer me ouvir e quando menos espero uma pedrada em minha cabeça me deixa desacordado.

Minha consciência começa a voltar, olho para os lados e um forte breu é tudo o que me cerca, tento me levantar e ao dar um paço tropeço em alguma coisa, uma menina negra, de roupas em farrapos e com uma adaga em seu jovem peito, a história volta a acontecer. Uma tristeza profunda qual a escuridão da caverna assola meu peito, não sei se é pela jovem menina que teve a vida tão brutalmente e subitamente ceifada ou pelo povo, que não tem muito tempo para aproveitar de sua tirania.

O ciclo de ódio recomeça.



Crônica





A volta dos bolachões

Eduarda Portella Gallina

Viver na contemporaneidade significa aceitar o ritmo acelerado que rege a organização da vida de todos nós. A lógica da produtividade perpétua e interminável nos perpassa, criando a impressão de que já não existem horas suficientes nos dias e dias suficientes no ano. Essa ideia de aproveitamento de todos os momentos estimula a realização de múltiplas ações ao mesmo tempo. O ato de ouvir música, especificamente, fica relegado ao segundo plano, podendo dividir a mesma parcela de tempo com lavar a louça, andar de ônibus ou realizar algum exercício físico, no meu caso, por exemplo.

Refletindo a instabilidade temporal, a mobilidade e praticidade proporcionada por suportes de som como celulares facilita e incita o processo de deslocamento da música, tanto no sentido de podermos apreciar nossas canções favoritas em diferentes lugares quanto na possibilidade de ouvirmos uma playlist enquanto estamos envolvidos em outra tarefa. A quantidade e variedade de canções disponibilizadas em streamings é outro benefício advindo do desenvolvimento tecnológico; criar uma playlist com músicas de diversos artistas e gêneros está a um toque de distância.

Não obstante todas as possibilidades oferecidas pelo mundo moderno, as minhas experiências musicais parecem, ao invés de terem sido aprimoradas e elevadas, diminuídas e banalizadas. Tenho consciência, no entanto, de que nenhuma tecnologia vem com ordens expressas de como utilizá-las e que, por conseguinte, sou responsável pela forma com que as emprego no meu cotidiano. Acredito que a ânsia



pelo aproveitamento constante do tempo em tarefas consideradas úteis instaurada pela moral vigente na sociedade fez com que a música se transformasse numa simples trilha de fundo para a minha vida; em outras palavras, esta se tornou uma atividade secundária, uma eterna coadjuvante, destinada a compartilhar seu palco com outras tarefas do dia a dia.

Assim, foi justamente pelo meu desejo de encontrar um prazer maior na escuta de obras musicais, libertando-me da preocupação com o aspecto temporal mecânico e, logo, dedicando aos álbuns a atenção e reflexão merecidas, que a volta dos discos de vinil ao mercado faz tanto sentido para mim. Mesmo sendo jovem, sinto o apelo transmitido por essa mídia analógica, uma vez que ela oferece o que as plataformas digitais e o mundo fluído em que vivemos não dispõe: a materialidade. Apesar de pequena, minha coleção de discos de vinil me permite ter acesso e participar ativamente de uma série de rituais que são repetidos toda a vez que um disco é tocado.

Desde o seu surgimento, os vinis proporcionaram a um número incontável de indivíduos, do qual agora faço parte, o acesso a infinitos universos, aventuras e fantasias musicais. O momento em que a agulha insere-se sobre os sulcos do LP é dos mais solenes. A tensão no ar é palpável durante os poucos segundos que se passam em silêncio, na iminência de uma explosão sonora. Finalmente, o sujeito, presenciando o desdobramento da situação, sente como se uma nuvem se dissipasse à medida que os primeiros acordes soam. Desse modo, em função da carga emocional e nostálgica que carrega, o momento de escuta de um bolachão exige certa conduta.

Quem quer ouvi-los de modo a vivenciar uma experiência envolvente e marcante sabe que é necessário permanecer em um local fixo e



confortável, pois é ali que o ouvinte será testemunha e ao mesmo tempo participante de uma aventura das mais mirabolantes. Ademais, deve-se manuseá-los cuidadosamente, tocando o lado A e depois o lado B. A capa e o encarte podem ser analisados enquanto o indivíduo lentamente desconecta-se do mundo exterior, permanecendo ligado ao plano material somente através das linhas melódicas e harmônicas traçadas pela espiral rodopiante que a agulha percorre. A jornada é linear, ou seja, tem começo, meio e fim, impedindo, desse modo, a interferência da ansiedade. Em suma, aproveita-se o desenrolar do tempo presente em detrimento da preocupação com o momento final culminante.

Muito mais do que qualidade do som, tornar-se ouvinte dos bolachões reflete valores que opõem-se à velocidade constante que move a sociedade, orientando-a para a produtividade onipresente. O mais interessante é que não são somente pessoas que experienciaram o vinil em sua juventude que o procuram; elas dividem espaço com jovens, os quais já nasceram no mundo digital, mas se interessam por esse universo analógico, como eu. O desconhecimento dessa mídia pelas faixas etárias mais novas abre espaço para a curiosidade e valorização dos discos. Ter a oportunidade de escutá-los transforma-se num momento verdadeiramente mágico. Quando posiciono a agulha sobre um vinil, entrego-me ao LP tal como se lesse um livro, esperando a história que o artista me contará e buscando decifrá-la.



“Buraco de minhoca”

Pedro Demarco Gomes

Ao alvorecer do surto pandêmico, sofri maus bocados e findei por ser internado em um manicômio que mais parecia me enlouquecer que o contrário. Lá pude desenvolver bastante meu pânico e consequente paranoia e assim desconfiar de tudo e de todos. Passei frio, fome, dor, choro e agonia. Chorei e vi chorarem. Presenciei o abandono do estado. Presenciei tentativas de suicídio, da mesma forma que tentativas de homicídio. Presenciei calúnia, difamação, crime de responsabilidade e negligência. Muito embora, que faria? Estes são os componentes básicos de quaisquer instituições públicas psiquiátricas. O estado trata de tornar o insano mais insano, tal qual o regime penal o faz. O preso, o enclausurado; nada mais é que uma vítima, infrator ínfimo, que brevemente sairá um verdadeiro perigo para a sociedade. Alerta para as próximas gerações: Vocês herdarão a mesquinhez da nossa arrogância. E pior: Poucos estão mexendo os palitos para que esse cenário não se consolide. A dita geração Coca-Cola não é lá o sinônimo de progressismo que nos rotulam ser; também cultivamos características nocivas e tóxicas, imbecis, esdrúxulas e hipócritas. Não somos melhores que os anteriores, herdamos as raízes, os caules; e também as flores. A infeliz geração que abraçou Geraldo Vandré também optou por amar Stalin e Fidel. E tratam de estamparem em seus pueris peitos ensandecidos por causa e ignomínia o breve relampejo de déspotas ora temidos e reverenciados por outros sátrapas embebidos em sangue proletário.



Poucas almas realmente prestativas se foram, levadas de nós pelas mãos chorumbosas dos tradicionais cesaristas dessa pátria cujo nome remonta ao sangue derramado outrora a visar a manutenção desse sistema falido. Nos usurparam Sabota, Marielle, Kadu, Chico Mendes, além de tantos outros que a história em sua maquinal fluidez tratou de esquecer no passado, tal qual as folhas dantes primaveris hoje despencam ao umbral do asfalto e perecem sob o nebuloso céu imundo tingido de gás carbônico.

Hoje existem Ferréz, Falero, Taddeo e Afro-X. As vozes ecoantes de um Brasil ignorado, mas me pergunto até quando durará esse cenário. Criolo advertiu que, ao momento certo, ao gran finale, ao magnum opus, as cortinas de ferro se brandarão sobre o palco e sufocarão os incautos quero-queros que ousaram narrar ao grande Brasil as barbáries orquestradas pelo sistema, pelas estruturas de poder e pelas imensas, desvairadas e incontáveis injustiças já cometidas nesse país e nesse planeta em nome da razão e do diferente pensar. Ainda há solo a irrigar, mas a água é escassa; mais ainda, quem se disponha a irrigar o solo nitidamente estéril. A massa encefálica do povo está imersa em limiares e extremidades côncavas que dificilmente conversam entre si; o questionamento e a indagação já não é bonito, mas sinônimo de fraqueza, de sordidez. As matérias-primas da constante incerteza da existência se mostram tão insalubres, tão desleixadas, repousadas, quase em inanição, sucateadas em um dos

quatro cantos ortogonais que fazem parte da atual condição humana: O descanso da filosofia. Ou ainda, o eterno descanso esburcado de uma excelsa bravata: Pensar, agir perante o que se pensa, perante as conclusões a que se chega o indivíduo que exercita seus neurônios. Não por acaso, nossos maiores pensadores experimentaram o amargor da



clausura: Ela fere aqueles que são incapazes de elevar seu espírito ao estado mais deífico do homem, o que nos torna imortais; o intelecto, o conservante embebido na preservação das ideias do homem, emoldurado em compensado velho.



Explica-se poema

Gustavo Daniel Ranft

Gostaria de começar dizendo que eu acho um ultraje explicar um poema. Ele fala por si só. Explicar é admitir fracasso: é admitir que o poeta não conseguiu passar a mensagem

que queria. Mas se a senhora pede, eu faço.

Foi dito à minha turma - 1 ano B - que o trabalho final de português continha duas partes: a primeira era escrever um poema, a segunda era explicá-lo. Espero que a senhora tenha gostado da primeira parte, enviei por PDF semana passada para o seu e-mail. Estou precisando de nota. Tirei 5 na prova. Passei a semana esperando a nota. Até que perguntei pro Juninho, (meu amigo do 1 ano A, aquele que é bolsista pois os pais dele não tem

dinheiro para pagar) e ele disse que a senhora está esperando nós escrevemos a explicação, para dividir as notas por 2, somá-las e então repassar para a turma. Fiquei desapontado.

Mas cá estou eu. Sem mais delongas, peço-lhe que leia com carinho.

“Olho para o céu, molho o rosto, lembro do passado.”

Esse é o primeiro verso do meu poema. Na verdade, não estava chovendo no dia em que o escrevi, mas eu não podia me dar ao luxo de esperar a chuva - a senhora deu um

prazo apertado. Acho a chuva poética, por isso a usei. Usei também a ideia de “lembrar do passado” para estabelecer ao leitor, logo de início, que eu estou contando uma história que me ocorreu.

“Meus pés tocam as poças, meu reflexo na água me encara.”



Não há problema nenhum em mentir no ato de escrever. Existe todo um gênero de histórias que não passam de mentiras: A ficção. Eu sei disso e por isso meu poema é todo inventado. Não há nada de interessante a se dizer sobre meu passado e sobre minha vida.

Portanto, minto. Esse segundo verso eu escrevi para dar tempo de inventar algo que ocorreu no meu passado, pois disse que estava lembrando dele anteriormente.

“Você se lembra do nosso tratado? do que prometemos para o mar?”

“Tratado” rima com “passado”. “Encara” rima com “para”. Não sou muito bom com rimas, mas como o conteúdo da aula de português desse trimestre eram rimas e métricas, achei que fosse necessário utilizá-las. Falei sobre o mar para continuar utilizando imagens aquáticas. 4 versos por estrofe, como a senhora ensinou.

“Conversamos por horas naquela noite.

Eu ficava olhando para sua boca

E fingia prestar atenção.”

Tive que fugir da métrica para expressar um sentimento. Não consigo fazer o amor ou algo assim caber dentro da estrutura que aprendi na sala de aula. Peço desculpas.

“ -Você está ouvindo?

Você me perguntou certo momento.

Eu estava fazendo algo mais importante:

Estava sentindo.”



Estou mentindo. Nada disso jamais aconteceu. Nunca tive longas conversas noturnas com alguém. Gostaria. Mas não há problema, certo? Ficção é mentir. E o eu lírico é o mentiroso. E mesmo não sendo verdade, eu senti algo bom enquanto escrevia.

*“Então ficamos em silêncio,
Nós temos tudo que queremos.
A inutilidade das palavras,
Não mais nos abala.”*

Não consigo evitar um sorriso lendo essa estrofe. De certa forma me causa inveja: imaginar casais tão felizes. Mas também sinto algo a mais: esperança. Eu ando tão sozinho, professora. Você me entende? Há algo agridoce que eu gosto muito no romance.

Existe um motivo para os filmes sempre deixarem um espaço para o amor, independente do gênero da história que está sendo contada.

Digamos que há uma guerra. E nessa guerra há um grupo de soldados. E esses soldados sabem que a qualquer momento uma bomba pode explodir perto deles. Não seria útil se dois desses soldados dessem as mãos? Se um corresse a ponta dos dedos no braço de outro. Sussurra-se algo, talvez. Não seria útil? Uma flor crescendo no deserto sem água.

Pois há dias que eu sou deserto.

*“Você: deitado eu meu colo.
Você foi o primeiro a sentir a chuva.
Logo começaram os raios,
A água ficou turva.”*



O mar atrai eletricidade,
Tivemos que sair correndo.
Na confusão, cada um foi para um lado.
Quando cheguei na cidade,
não consegui te encontrar.”

Finalizo o poema de modo infeliz, trágico. Foi necessário. Não estou em condições de escrever algo feliz hoje. Eu disse que era tudo mentira, e era mesmo. Mas a ficção sempre é um pouco autobiográfica. É impossível fazer arte sem dar um pouco de si mesmo ao texto. E o que tenho a dar no momento é a tragédia.

“Olho para o céu. Molho o rosto com minhas lágrimas. Lembro do passado.”

Esse foi o último verso. Não sinto pena do casal que amou e se perdeu na praia, mas desejo o melhor a eles.

Aguardo a nota do trabalho, professora.



Jardim, querido

Ana Lucia Vargas Welter

Há muitos anos, nosso jardim secreto existia no presente. Ele não era secreto por estar escondido, nem pelas pessoas não especiais que não sabiam. Ele era chamado de secreto porque era nosso segredo. Não o consideramos um segredo, por ninguém saber o que fazíamos ou do quê brincávamos. O segredo estava em todos os sentimentos e as aventuras que transbordavam em nossos corações. Às vezes podíamos sentir que não estávamos no jardim, mas que o jardim estava em nós. Entre um milhão de almofadas e um pequeno castelo, haviam bilhões de flores de todas as cores. Chamávamos de não especiais todos aqueles que não entendiam, e que não enxergavam o que realmente acontecia naquele ilustre gramado. Isso não significava que elas realmente não eram especiais, porque elas eram, mas nosso jardim não havia às escolhido para compreender toda sua formidável e esvoaçante magia. Não haviam borboletas falantes, nem pózinho mágico, e muito menos podíamos ver as fadas que ali habitavam, mas havia música, e sem que algo precisasse a reproduzir, ela estava tocando em nossos corações.

Um dia voltei a casa do jardim, e o sol ainda brilhava sob as flores. Os pássaros coloridos ainda assobiavam, os livros ainda existiam. Mas eu não soube se ainda acreditava que havia uma princesa morando dentre as árvores, ou se no fundo do (aparente) pequeno poço, havia um portal para uma dimensão secreta. Nós não estávamos contando as estrelas, e nem inventando histórias. Quando perdemos alguém especial, as memórias são reconfortantes, mas somos cercados pela tristeza do que não existirá novamente. Não poderemos reviver todas



as mais esplêndidas memórias que algum outro dia nos rodearam daquelas sensações extraordinárias do viver. As vezes gostaria de saber como meu jardim está agora. Gostaria de saber se no fundo das minhas memórias, as flores margaridas se espalharam, e rosas e lírios nasceram em lugares inapropriados. Se a janela marrom continua enfeitada, e se existe um lampião ainda aceso. Gostaria de saber se o céu ainda é o mesmo, se os pássaros cantam como antes. Se o vento sussurra.

Quando nos distraímos com o intenso dia a dia, nosso pequeno, em espaço mas grande em memória, jardim, não é ocupado pelas antigas lembranças. Gostaria de saber o que acontece quando não estamos reparando, já que quando seguimos em frente, nosso jardim de felicidades é abandonado. Nosso jardim não só nos conta sobre todas as coisas bonitas e abandonadas, nosso jardim expressa o tempo, e o que é deixado para trás quando isso dói. Um jardim de boas memórias sem estar em uma memória. É um jardim dos apegos que nesse segundo e no próximo, habitam o coração. Por isso, quando seu coração faz falta, todas as flores choram. E não só eu, mas todas elas nos querem de volta. Para acalmá-las, podemos contar que sempre amamos mais aqueles que precisam de nós, e nesse e nos próximos anos, precisaremos de outras pessoas, e principalmente de outros jardins.



Lembranças de um Beatle em Porto Alegre...

Carolina Cunha César

No ciclo da vida pandêmica, entre semanas que voam feito pássaros livres enquanto estamos “engaiolados” em nossos apartamentos, preparo o conto semanal para leitura virtual com meus afilhados. Estranho pensar que já estamos em 2027 e eu tenha os visto, pessoalmente, poucas vezes, sendo que em todas “vestimos” máscaras.

Além disso, recorro da admiração de niná-los como bebês frágeis e que, de fato, eram muito maiores em comparação ao que a câmera mostrava nas “videochamadas”. Os três nascidos na pandemia: Romeu de 08 anos, Jasmim de 06 e Clara que completou seu primeiro ano. Todos com a doce habilidade infantil de sorrir com os olhos, de sonhar com o dia em que poderão estar aqui comigo, brincando de barraca, no meio da sala apertada entre escritório/sala de jantar/sala de estar.

Reflico mais um pouco, as horas não passam e hoje tenho a sensação de felicidade que acompanha uma data de aniversário. Pensando, pensando e pensando, acabo por lembrar que - há 10 anos - eu vivia a emoção de presenciar o show de um “Beatle” em Porto Alegre. Que felicidade, que multidão, que loucura na saída do trabalho para ir ao Beira-Rio a pé já que, na “hora do rush”, era impossível chegar para o show de abertura.

Enquanto preparava o chimarrão e olhava para o livro de Simões Lopes Neto, decido mentalmente: hoje será o dia de contar sobre o



13/10/2017, ou melhor, a data em que vi Paul McCartney em Porto Alegre!

Às 17 horas, Romeu inicia nossa videochamada e vai direto ao ponto: -“Dinda”, vamos ler sobre o Saci-Pererê? Enquanto isso, Jasmim gritava:

· Hoje era dia da “Blanca” de Neve!!

E Clara babava mandando beijo e batendo palma ao ouvir minha voz. A minha euforia foi como um balde d’água fria para as crianças:

· HOJE NÃO VAMOS LER!!

(Romeu) - Mas e o Saci?

Jasmim, vestida de Cinderela, não aceitava que eu não falaria da “amiga” Branca de Neve. Clara seguia batendo palma.

Meus “pitocos”, hoje a “dinda” vai contar sobre a realização de um sonho, do tipo que qualquer princesa gostaria de presenciar e que aconteceu -JUSTAMENTE- na casa do Saci: no BEIRA-RIO!! SIM, AQUI EM PORTO ALEGRE!

(Romeu): - “Tá”, mas espera que vou vestir a camiseta do Inter então... (Jasmim): - Mas dinda, “plincesa” na casa do Saci?

Jasmim, meu “amol”, vamos treinar o “RRRRRRR” enquanto o “mano” veste a camiseta do...?

(Jasmim): - INTERRRRRRR.

Agora repita com a “Dinda”: BRRRRRANCA de Neve, Prrrrrincesa, Amorr...

Romeu, Jasmim e Clara prontos para a história, sem livros, mas que poderia ser de um filme. Então, inicio dizendo que o “conto” é um passeio por diferentes décadas musicais.

· Crianças, vamos começar juntos?

(Os mais velhos em sintonia com a batida de palma de Clara): - “Era uma vez...”



Uma banda de música, formada por 4 rapazes - John, Paul, George e Ringo - que surgiu em 1960 (no mesmo ano em que nasceu a vovó) e que cantava músicas de rock. Essas músicas são em inglês, aquele idioma que a gente conta “one - two - three” para um, dois, três, antes de marcarmos um ritmo.

(Romeu): - Mas, “Dinda”... e o Saci? Ele não faz parte da banda?

· Infelizmente, não. Porém, ele vai aparecer mais para frente.

(Jasmim): - A banda não tem nome?

· SIM, tem nome SIM: OS BEATLES! Eles eram tão bons que espalharam uma “febre” de amor que contagiou o mundo. O “vírus” deles ficou conhecido como “Beatlemania”.

(Romeu): - “Dinda”, para evitar o contágio, as pessoas não usaram máscara? E o álcool em gel?

· Não, Romeu. O contágio era do bem, milhares de pessoas espalhadas pelo mundo - INTEIROOOO- cantando sobre amor, paz, esperança de dias melhores e em defesa de direitos civis.

Porém, como tudo que é bom, a banda terminou... Cada “Beatle” seguiu seu caminho até que, em 2017, um deles veio para Porto Alegre. O Paul, que em português seria “Paulo”, esteve visitando a casa do Saci (Beira-Rio).

(Jasmim): - E ele não ficou com medo?

· Acredito que não, o “Paulo” estava muito feliz. Uma curiosidade sobre ele: quando toca violão faz “virado”!!

(Romeu): - Como assim, “Dinda”?

· O Paul é canhoto e quando toca violão é invertido, parece que está de cabeça para baixo. Quando o conheci, naquele ano, eu estranhei muito porque nunca tinha visto “O BEATLE canhoto” ao vivo. No dia 13 de outubro de 2017, a “Dinda” trabalhava naquele prédio que parece uma rampa de skate.



Na fila do Beira-Rio estavam, aproximadamente, 50 mil pessoas, esperando para acompanhar o show do Paul.

(Romeu): - Mas, (...) não iria ter "live"?

· Não, não!! A "Live" era o "ao vivo", todos no estádio de futebol prontos para uma noite mágica.

(Jasmim): - Dinda, não ficou com medo do Saci?

· Não, a Dinda estava muito feliz! O Saci recepcionou a todos com muita organização. (Romeu): - Tinha marca no chão para pisar?

· Não, nessa época a gente não pensava nisso. A fila estava um pouco bagunçada, confesso. A Dinda, por exemplo, fez uma coisa muito feia...

(Romeu): - Não levou a máscara?

· Não, não. Na época não tinha máscara... A "Dinda" furou a fila... Tinha uma amiga querida, de Nova Petrópolis, que estava esperando desde cedo no Beira-Rio e que ajudou a "Dinda". Também, naquele dia, todas as pessoas estavam tão felizes que, como viram que éramos muito amigas, entenderam que seria bom o encontro ao acaso e permitiram que eu seguisse naquele lugar.

(Romeu): - "Dinda", mas cadê teu celular?

A Dinda não levou, quando passei em casa, saí tão rápido que esqueci... (Jasmim): - "Dinda", cadê a magia das "prrrincesas"?

· Ótima pergunta! A magia foi quando a "Dinda" sentiu uma emoção tão grande, de arrepiar, de escorrer lágrimas e começar a chover. E choveu muito, mas não interrompeu nosso coral que foi passando pelos grandes sucessos dos Beatles e do "Paulo".

Também, o céu ficou colorido com os fogos de artifício e - ainda mais iluminado - com as lanternas das câmeras dos celulares do público. Ah, já estava me esquecendo, nós ganhamos do Saci, na entrada do show, um balão azul escrito "Nanana" de presente.



(Clara): - Obla, (batida de palma).

· Ai, Clarinha! Vamos todos cantar:

- “OB-LA-DI; OB-LA-DA; LIFE GOES ONNNNN, BRA...”

“Pitocos” quando a gente fala “Life goes on” seria, em português, como “a vida continua”...

Há 10 anos, a “Dinda” realizou um sonho de milhões de pessoas. Foi uma noite memorável! Durante três horas, eu e mais 50 mil pessoas estivemos juntos para celebrar a vida. A chuva caía e nós cantávamos ainda mais fortes, sem medo de ficarmos resfriados no outro dia.

O balão com “Nanana” a “Dinda” ainda tem guardado “na caixa dos segredos”. E, assim como a música que tem o “nanana”, ESPERO fazer um mundo melhor para vocês.

Agora, hora do banho... Cuidem-se!

(Romeu): - Aaah, não! Conta mais do “Paulo”??

(Jasmim): - Por favor, mais um pouquinho, mais um tempinho para saber da magia...

-Na nossa próxima videochamada eu conto mais detalhes, assim vocês podem pensar no que estranharam desse mundo sem máscara, álcool gel e com pessoas aglomeradas...

Por enquanto, a “Dinda” vai pedir para a mamãe de vocês colocar umas músicas dos *Beatles* para vocês dormirem ouvindo a magia dos *Garotos de Liverpool*.

Up, Up, Pitocos. “Abreijos”!

Ao me despedir, sinto a mistura do “pirlipimpim” de contar sobre essa experiência de vida. Espanto-me ao perceber como mudamos tanto- em tão pouco tempo... “Life goes on - braaa”.



O fazer científico

Marcus Andrei Ullmann

Hoje quero apenas instigar a reflexão. Isso é bom, faz os neurônios do aparelhinho encefálico trabalharem um pouco. Mas não muito. Não quero me cansar depressa. Vou deixar a fadiga para a velhice - que deve chegar daqui a mais ou menos oito décadas, se a medicina continuar evoluindo do jeito que vai.

De qualquer forma, principio com uma provocação. Não é para “chamar na cincha” como diz o gaúcho. É apenas uma constatação que noto cada vez mais veraz a cada dia: os centros de educação não estão cumprindo, satisfatoriamente, seu papel na sociedade, em qualquer nível de conhecimento. A base é fraca e não prepara o aluno com sólidos saberes gerais para avançar ao próximo nível. O ensino superior, bem como o mestrado e doutorado são falhos por não instigarem nos estudantes o raciocínio científico, treinam-nos para concursos ou para produzir artigos em série para revistas indexadas. O aprumo científico, a sede de descobrir a “sensação de estranhamento”, como alguém já dissera, não é valorizada, incentivada e explorada em nossos cursos de formação acadêmica!

Os cursos de formação técnica parecem ter algum sucesso em seu propósito - formar para o mercado de trabalho, mas deve ser pelo meu desconhecimento da realidade destes cursos.

Quem sou para proferir tais acusações? A que propósito me digno? Qual minha qualificação para apontar erros do sistema (falho) educacional? Pasmem. Sou apenas um cronista amador, sem propósito, além de expressar uma opinião e, quem sabe, apontar uma solução. Quanto a ser qualificado, não o sou.



Na verdade, não posso ser cronista ou poeta por falta de formação e não sou cientista por ainda não haver concluído os estudos. Sou, então, o fado do estado, a voz que incomoda, a consciência onisciente dos governos, o lutador sem causas aparentes, sou estudante. Logo, vivo num limbo sem grande perspectiva de sucesso imediato, afinal não posso articular muito em campos literários, pois me falta a qualificação; não posso repreender o sistema ou o método utilizado para ensinar ou fazer ciência, pois me falta o quinhão.

Mesmo assim, como todo estudante que se preze, tento fazer-me ouvir através da crônica e da poesia. Tento mostrar uma opinião, mesmo que avessa ao senso comum, para que se tomem providências, para que o mundo se torne um lugar mais justo e sustentável. E sustentabilidade vai além da comunhão do ser humano com a natureza, é a comunhão do ser humano com ele próprio, com suas virtudes, com sua ciência e sua consciência. Sustentabilidade é o termo, em minha opinião, que exprime a tentativa de voltar toda nossa razão e criatividade em prol de um amanhã melhor para nossos netos, em prol de um planeta habitável a outras gerações. É um exercício de altruísmo, um meio de mostrar-se avesso ao egoísmo.

Entretanto, não sou qualificado para falar em como se deve ensinar ou fazer ciência, pois (vejam a contradição) não sou concursado. Pasmem outra vez: é epistemologicamente correto afirmar que o indivíduo necessita aprender a pensar, a refletir com método. O sujeito articulador da sociedade moderna precisa saber racionalizar de forma científica; criar, a partir de um estado da arte exaurido, algo novo, no limiar do conhecimento. Todavia, na prática, se não for treinado maquinalmente, não souber de cor meia dúzia de leis e hipóteses, de regras ou conhecimentos repetitivamente passados desde



o primórdio da civilização informatizada, o indivíduo não passará no concurso que o habilita para falar e opinar acerca de ciência e como ela é (mal) sistematizada em nosso país. Não é uma questão de transmissão e assimilação da cultura. É, antes, uma questão de medir o quão potente é uma memória, o que, em si, não pressupõe aprendizado.

Se o indivíduo não for capaz de marcar corretamente um par de questões específicas e objetivas sobre determinado assunto, ele não é douto neste ou naquele assunto e perde o direito de opinar ou criticar.

Se existe uma forma de avaliação mais sensata? Não posso garantir. Mas a subjetividade, pelo menos, garante a capacidade de exaurir um tema através de colocações criativas. O ser humano deve ser posto a prova, mas a prova deve constatar seu conhecimento sólido e capacidade de inovar. Enquanto o sistema não consegue enquadrar esse preceito em suas avaliações de concursos, eles são falhos e dão margem à entrada de pessoal desqualificado no sistema de ensino, que passa pelas provas objetivas com métodos, digamos, não tão ortodoxos.

Fazer ciência vai além de seguir um método. A quebra de paradigmas através de medidas inovadoras já se mostrou eficaz, a exemplo da relatividade ou mecânica quântica. A criatividade tem papel fundamental em ciência, ela abre o horizonte para tentar o inimaginável, é o guia para perscrutar um vale de escombros e retirar de lá o último fragmento arquitetônico que possua simetria tal que se possa criar, a partir desse fragmento, um novo mundo de ideias, hipóteses e teorias. Fazer ciência é consolidar as novas ideias, hipóteses e teorias em algo útil à sociedade ou aplicável à própria ciência, como aumentar a precisão de medidas, por exemplo.

Contudo, enquanto o mundo novo de ideias não me vem num lampejo, sigo escrevendo crônicas e poesias, com verso branco e sem



métrica, sem método e nem regras específicas, para me opor ao sensato, para fazer a diferença num mundo de iguais, para lutar por causas incompreendidas e para ser um pouco mais estudante e um pouco menos como todo mundo.



Retratos da Quarentena: O Perdido Eu

Kimberlly Isquierdo Bongalhardo

Hoje quero apenas instigar a reflexão. Isso é bom, faz os neurônios do aparelhinho encefálico trabalharem um pouco. Mas não muito. Não quero me cansar depressa. Vou deixar a fadiga para a velhice - que deve chegar daqui a mais ou menos oito décadas, se a medicina continuar evoluindo do jeito que vai.

De qualquer forma, principio com uma provocação. Não é para “chamar na cincha” como diz o gaúcho. É apenas uma constatação que noto cada vez mais veraz a cada dia: os centros de educação não estão cumprindo, satisfatoriamente, seu papel na sociedade, em qualquer nível de conhecimento. A base é fraca e não prepara o aluno com sólidos saberes gerais para avançar ao próximo nível. O ensino superior, bem como o mestrado e doutorado são falhos por não instigarem nos estudantes o raciocínio científico, treinam-nos para concursos ou para produzir artigos em série para revistas indexadas. O aprumo científico, a sede de descobrir a “sensação de estranhamento”, como alguém já dissera, não é valorizada, incentivada e explorada em nossos cursos de formação acadêmica!

Os cursos de formação técnica parecem ter algum sucesso em seu propósito - formar para o mercado de trabalho, mas deve ser pelo meu desconhecimento da realidade destes cursos.

Quem sou para proferir tais acusações? A que propósito me digno? Qual minha qualificação para apontar erros do sistema (falho) educacional?



Crônica

Pasmem. Sou apenas um cronista amador, sem propósito, além de expressar uma opinião e, quem sabe, apontar uma solução. Quanto a ser qualificado, não o sou.



Haikai





Escape

Longe desse mundo
Pra qualquer outro lugar
Vamos viajar

Ana Cláudia Wurch Seibert

Apaixinando-se

Calmo coração
Um turbulento desejo
Ser em puro êxtase

Camila Fratini Barbosa



Lágrimas me transbordam
como as ondas
que me devoram.

Amanda Souza dos Santos

Como poesia
numa língua estrangeira,
sou intraduzível.

Laura Rodrigues da Silva Viegas



Explosão Estelar

Sonhar acordado
Compreender o infinito
Movimento elíptico
Melissa Silveira Paz

“Terapeuta poesia”

A poesia, nada mais é
Que isto; um protótipo
De uma sessão de terapia.
Pedro Demarco Gomes



Surgimento, cura
Não sabemos, só se sabe
Que nos dominou
Manoela dos Santos Rossi

Vidros

Caminho aos vidros
que estilhaçam meu caminho
o sangue cairá
Sara Marinho da Silva



Sons do mato

O que será que vai
entre os seres da floresta?
Seresta de Haikai!

Marcius Andrei Ullmann

Poema



A Crina da Palmeira

Marcus Andrei Ullmann

Por aqui alguém dissera
que palmeiras há aos montes,
que o vento forte as cavalga.
Natureza as fez quimeras,
é manada estonteante,
trote em campo se desfralda:

Corre num tirão que encanta,
empurrada ao vento forte,
faz carícia em toda crina
a vistosa crina da planta
que balouça assim à sorte
do uivo norte (bom) que ensina:

Onde quer que passe o mal
deixa rastro agudo e vil,
qual sublime vendaval,
capaz de afagar o estio,
zunindo em doce murmúrio
onde seca e jaz o antúrio...

Sopra quente um bafo éreo
que espalha o aroma crisântemo
que já não é desse mundo,
pois que se torna etéreo
transmutando-se em um cântico:
melúria de um ar jucundo.



Mesmo que esteja finado,
sempre pode uma alma dessas
misturar-se ao vento Norte,
confundindo as nossas crenças
sobre o futuro e o passado,
esquecendo que hoje é a morte!

Portanto, aquele gemido
que sopra quente em novembro,
e que ao vento está contíguo,
são aulidos dos espíritos,
jóqueis dum pinho em assombro,
que bem balouça aos seus gritos.

Bóreas sacode o pinheiro
numa ilusão de tocar-lhe
a branda tez destruída
por seu ciúme grosseiro,
cujo tronco agora é talhe
da amada em pedras partida!

Esta é a dor de ser lamento:
sentimento assim que escarcha,
rasga e corta e torna inteiras:
quando não mais sopra o vento
os cavalos cessam a marcha
e voltam a ser só palmeiras.

Descompasso

Ítalo Rossi

Há tempos ando descompassado,
Momentos, presente, futuro e passado,
Perdem a cadência,
A cada inesperado encontro,

Um caminhar delicado,
Canção suave ao meu lado,
Corpo quente e gelado,
Em cada nota que traz,

A cada olhar que me entregas,
É um poema que jáz,
Pois com receio te negas,
Ao calor tão fugaz.

Desmantelo

Jefferson de Oliveira

Ela afirmou que me amava
que casava

...

E talvez para não mais mentir
resolveu omitir que nosso carinho
não era recíproco que as nossas juras
não passavam de metáforas ou,
que de mim se desfazia quando
literalmente me dizia que outro
seria seu cônjuge justamente naquele dia.

E quem me dera se o outro fosse eu,
afinal, nossos gostos eram um tanto
quanto peculiar e seu amor efêmero era
tão intenso que transbordava até no olhar.

Neste caso, percebo que fui enganado
e pior, talvez eu fosse apenas mais um iludido
e agora perdido no desencanto do quanto
que tínhamos em comum, sentindo-se oprimido
ao tentar desconstruir o que nunca foi construído.

O amor que ela sentia por mim
era do tamanho do meu salário,
bem curto. Foi duradouro enquanto durou
até aparecer o carinho do pró-labore que
ressignificou o contexto da palavra “amor”.



Ela no lugar dela e outro
no lugar que deveria ser nosso
se não fosse meu egoísmo até caberia um sócio,
um triângulo amoroso, no entanto,
já afeta o sistema nervoso apenas ao imaginar
meus verdadeiros ensejos nos braços do outro
no outro lado da cidade.

As noites claras passam vagarosamente
sempre que permaneço em claro
num silêncio retumbante enquanto
durante o dia máscaras escondem
meu verdadeiro semblante e deste modo
sofro no amor meu que deveria ser dela
e no amor dela que poderia ser meu
ainda assim, Pra tirar este gosto ruim,
se eu pudesse e meu dinheiro desse,
por este amor meu eu aceitaria ser trocado
todo dia contanto que o outro fosse eu.

“Não há hoje sem ontem”

Pedro Demarco Gomes

A margarida que pousou no obituário
Me mostrou a beleza do ciclo.

Quando respiramos,
Os aromas, os tons, a fotossíntese;
Tudo existe,
Por intermédio da percepção sensorial.

Um risível impulso elétrico
Antecede o futuro das coisas,
Para que nossos olhos enxerguem
O que já não existe mais.

O passado é iminente...
Imparável, indestrutível.

O passado é a beleza
Mais contestada
Da existência.

Todos nós queremos nos livrar das amarras do passado,
Mas pelo simples fato
De que o passado é perpétuo.
Proporciona sentimentos,
Que já não correspondem mais.

O passado é um amigo,
Um bom amigo,



Que foi deixado pra trás,
Sem muita lástima,
Uma despedida pouco calorosa,
Mas que foi eternizada
Em nossa pífia existência.

O passado é a poesia...

É aquela página que passou no tempo,
Mas não passou da memória.

É aquele capítulo impossível de esquecer,
Aquele último trecho,
Que eterniza a obra.

O passado é o beijo na testa
Do falecido pai,
Que a essa altura apodrece junto dos vermes
Em um sepulcro qualquer de madeirite.

O passado é o beijo da morte cinematográfico,
Que ceifa a sanidade de quem o impele.
O passado é implacável,
Só cessa quando o fim é eminente,
Quando o coração já funciona com pouca destreza,
Quando as lágrimas são tão escassas,
Por que não resta mais água no corpo.

Não sobra mais nada,
Senão os choros de uma vida carregada
Nos ombros
De quem já não consegue mais levantar nada.



E por isso atrofiamos.
Pois não há vida sem morte.
E não há morte
Sem um passado nas costas.

O demônio e a borboleta

Nicole Mezdri

Era uma vez um pequeno demônio
Que, do inferno, quis subir à Terra.
Trocou suas chamas e pandemônio
Pela tenra, suave atmosfera.

Assim que veio, deparou-se
Com uma borboleta diminuta.
Ela era delicada, mas nada veloce.
Voava lenta, em árdua labuta.

Sem entender o encanto que,
Por ela, sentiu,
O diabinho julgou ser fome,
Fez careta, e devorá-la decidiu.

Abriu a boca e, com voz mansa,
Chamou-a; que criatura arteira.
Assim que a pobre até ele voou,
Aprisionou-a; que mordida certa.

Porém, antes que pudesse engoli-la
Do fundo de sua garganta, ouviu uma vozinha:
“Ora, senhor, lhe tenho tanta gratidão!
Eu estava prestes a morrer de frio,
Quando você me pôs em um lugar quentinho,
Onde não sinto nem medo, nem solidão!”



O demônio, então, desistiu;
Não conseguiu mais comê-la.
Amou a borboleta de todo o coração
E decidiu protegê-la,
Pois ela fora o único ser que lhe oferecera
Naquele mundo, qualquer dose de gentileza.

O tempo, assim, passou
E os dois tiveram vida plena.
Isto é, o demônio nunca mais falou,
Mas sua borboleta lhe valia a pena.

Porém, certo dia,
Quando o fim do inverno chegou,
A borboleta quis sair da boca
E o demônio não deixou.

“Isso me machuca, senhor!
Meu corpinho parece enterrado em brasas.
Esta casa já não me serve, por favor!
Cresci, e sinto-a esmagando minhas asas.”

Em um movimento rápido, após pensar,
O demônio abriu a boca
E deixou-a escapar.
Ela voou como louca.

Longe, já, e sem olhar para trás
A borboleta girava e girava, sem parar:
“Por sorte, fugi
Do abrigo que se tornou prisão.



Achei que não mais fosse voar
Solta nesta vastidão!”

Triste e abandonado,
O demônio sentiu sua visão ficar turva.
Sentou-se e pensou, desolado,
Naquela que lhe fora tão pura.

“Ah, borboleta, se soubesses o preço que pago!
As pontas das tuas asas, ansiosas,
Cortaram minhas cordas vocais.
Agora, fico só e amargurado,
Como antes não estive jamais,
Porque não poderei chamar nova borboleta,
Para ocupar o vazio deixado,
Nunca mais.”



O homem de pernas pequenas

Gabriel de Castro Tereza

Era uma vez um homem
De pernas pequenas.

O homem de pernas pequenas caminhava
Mas nunca havia de alcançar
Não era bom caminhador
Tinha pernas pequenas
Assim lhe quis a natureza
Seus passos não eram passos
Eram a metade de um passo

O homem de pernas pequenas corria
Mas nunca havia de alcançar
Não era bom corredor
Tinha pernas pequenas
Assim lhe quis a natureza
Os passos dos outros não eram passos
Eram passos em dobro

Assim, na esperança de um momento alcançar
O homem de pernas pequenas
Fez um pedido:
Que um dia
O alvo daquela incessante busca
Retardasse a esperar-lhe
De braços abertos Desejava



É que o homem de pernas pequenas
Tinha longos braços
Assim lhe quis a natureza
Haveria de ser um bom abraçador
Pensava

Felicidade roubada

Cristiana Fernandes Valim

Um menino foi morto na rua,
Por ter a sua cor de pele escura.
Uma mulher foi violentada,
Por vestir roupas “inadequadas”.

A vizinha foi assediada,
Por estar bem arrumada.
O cadeirante foi espancado,
Por não conseguir dar ao menos um passo.

O agressor está livre,
Alegaram que foi por falta de crimes.
O médico não pode testemunhar,
Porque prometeram sua cabeça cortar.

Violência, preconceito e falta de respeito,
Tem custado um alto preço
Às vítimas que sentiram na pele a dor,
De serem violadas com tanto ódio e rancor.

A dor causou-lhes feridas eternas,
O medo levou a vida de paz.
Que um dia tanto sonharam,
Mas que deixaram para trás.

Sonhos interrompidos, traumas adquiridos.
O medo levou a vida de milhares...



Que foram vítimas da maldade,
Sem um pingo de humanidade.

As vítimas são sempre culpadas,
Não importa o que se faça
Saem sempre humilhadas,
Por esta sociedade mal intencionada.

A vida não será como antes,
As lembranças são angustiantes.
Machucam e ferem a alma,
De tantos que sofreram traumas.

Aos que vivem tristes e escondidos,
Por medo dos perigos
Deixo aqui meu incentivo,
Justiça por tudo que acabou com seu sorriso.

Lutemos por igualdade e respeito,
Merecemos esse direito
Vítimas fomos nós,
Que vivemos escondidos com medo do pior.

Lutemos por justiça,
Todos merecem felicidade e respeito.
Que os traumas sofridos sejam a munição,
Para acabar com essa discriminação.

Res...pira

Amanda Coelho Schaider

Enche os pulmões com o caminho obstruído do ar
Analisa o deturpado caminho até esse patamar

Passa raiva com um mundo sem consequência
Cala a fúria de almas da mais pura insolência

Acredita que o melhor dos homens está por vir
Tenta não chorar pela humanidade que está a ruir

Aperta o peito com a ansiedade de lado de fora
Engole a angústia de não poder ir embora

Aceita o luto que o tempo não tira
Respira... Respira... Não pira...



Síndrome do coração partido

Marianna Venturini de Toledo

Meu bem, já se passaram tantos meses,
então me conta, eu ainda conheço alguma parte sua?
Quantas vezes você pediu para ela que fizessem amor
depois de uma briga? Teus dedos fizeram arte no corpo
de outra pessoa ou eu fui o único quadro que você pintou?

Será que você ouve meu peito vibrar
enquanto eu berro e suplico para que você fique.

Após alguns meses de reflexão e meia dúzia de
sessões de terapia, renasci. E enquanto endereçava
a correspondência, vi meus demônios numa caixinha
acorrentada a pedras afundar.

Tela

Gustavo Daniel Ranft

Saio para caminhar.

A terra se estende em todas as direções,
grama, solo, flores e manadas de animais.

As cores do horizonte deveriam ser pintadas,
antes que desaparecessem.

As cores - guardo em minha memória:
deveriam ser pintadas.

Antes que eu, o horizonte e os seus observadores desaparecêssemos.

Na tarde quente em que nos tornaremos o mesmo:
eu, as cores, as manadas...

E então nos tornaremos nada.

Meu caminho atravessa o de quatro cachorros.

Já mortos - abandonados.

Eles latem pra mim,

e a tragédia se anuncia em algum lugar entre nós.

Quão horrível é um mundo com quatros cachorros na beira da estrada.

Quão horrível são as pessoas e as coisas que acontecem
com essas mesmas pessoas.

As ruas fechadas. O caminho de volta.

Meus pés de gente me levam de volta para casa.

Sento na cadeira azul da varanda,
frente ao campo vazio.

Ainda há algo nos limites da minha visão: soldados.

Olhando daqui poderiam ser passáros,

se não fossem seus passos agressivos, de batalhão.



É inverno, mas os soldados carregam o calor.
O fim dos tempos é entregue.
Suspiro. Dedos à testa. Muito cansaço.
Mastigo as páginas de um livro na varanda.
Há dias não como.
O livro custou 3 moedas de ouro.
Veio direto da biblioteca do rei.
Junto veio a vertigem de ver-se no declínio.
O agouro.
A morte dos passarinhos.
Cortem as cabeças dos nossos cúmplices!
É a execução da lei.

Noite.
A luz da lâmpada se confunde com a lua na vidraça.
Nos meus olhos, não há distinção.
Sei que algo está errado com os astros.
Cheiro de desgraça.
Manhã.
Primeiro os vejo pela janela,
depois, batem na minha porta: os soldados.
Exigem que eu venda a casa.
Me revolto: pego meu pincel, a áspera tela.
Traço a linha do horizonte.
Pinto as cores,
a grama, o solo e as flores.

Concurso

LITERÁRIO

do IFRS


PROEN
Pró-reitoria de
Ensino


**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul

**Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS**

Rua General Osório, 348 - Centro
CEP: 95700-000 - Bento Gonçalves/RS
Telefone: (54) 3449-3315

E-mail: concursoliterario@ifrs.edu.br